

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL**

Mariana Vitorino

MINHA ESCOLA NÃO TEM QUADRA:

Problemáticas e possibilidades diante à falta de espaço físico adequado

BAURU – SP
2023



Mariana Vitorino

MINHA ESCOLA NÃO TEM QUADRA:

Problemáticas e possibilidades diante à falta de espaço físico adequado

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF ProEF da Instituto/Faculdade da Universidade Estadual Paulista - UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Milton Vieira do Prado Junior

BAURU – SP
2023



Vitorino, Mariana

V845m MINHA ESCOLA NÃO TEM QUADRA : Problemáticas e possibilidades diante à falta de espaço físico adequado / Mariana Vitorino. -- Bauru, 2023

80 p. : tabs., fotos + objeto educacional

Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru

1. Ambiente escolar. 2. Quadra. 3. Adaptações. 4. Educação Física escolar. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MARIANA VITORINO ROSSI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 12 dias do mês de setembro do ano de 2023, às 14:00 horas, no(a) Google Meet, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de MARIANA VITORINO ROSSI, intitulada **MINHA ESCOLA NÃO TEM QUADRA: problemáticas e possibilidades diante à falta de espaço físico adequado**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciências UNESP Bauru, Profa. Dra. ANDRESA DE SOUZA UGAYA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP Faculdade de Ciências de Bauru SP, Profa. Dra. MARLI NABEIRO (Participação Virtual) do(a) Professora aposentada e voluntária do Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciências - UNESP - Bauru. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Mariana Vitorino Rossi

MINHA ESCOLA NÃO TEM QUADRA:

Problemáticas e possibilidades, diante à falta de espaço físico adequado

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da [Instituto/Faculdade] da Universidade Estadual Paulista - UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Milton Vieira do Prado Junior

Data da defesa: 12/09/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR
Faculdade de Ciências - UNESP Bauru

Membro Titular: Profa. Dra. ANDRESA DE SOUZA UGAYA
Faculdade de Ciências - UNESP Bauru

Membro Titular: MARLI NABEIRO
Professora aposentada e voluntária do Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciências - UNESP - Bauru

Local: Universidade Estadual Paulista
Unesp – Bauru

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, minha mãe e irmã, que sempre me apoiaram e apoiam em tudo que me proponho a fazer.

Ao meu professor orientador, Milton, por me acolher e ser compreensivo e prestativo.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF e pela bolsa de estudo a mim ofertada, durante essa jornada.

Agradecimento especial a todos os colegas de trabalho da escola Anna Ruiz, pois estão sempre dispostos a ajudar naquilo que preciso, vocês são dez.

Obrigada a minha amiga Juliana por ter me auxiliado em várias etapas desse trabalho e do produto educacional.

Vocês fazem parte dessa pesquisa, obrigada!

“Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia. (...) A gente se acostuma para poupar a vida que aos poucos se gasta e, que gasta, de tanto se acostumar, se perde de si mesma.”
Colasanti, Marina. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

VITORINO, Mariana. **MINHA ESCOLA NÃO TEM QUADRA**: problemáticas e possibilidades diante à falta de espaço físico adequado. Orientador: Milton Vieira do Prado Junior. 2023. Número de volumes ou folhas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – [Instituto/Faculdade/Centro], Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru, 2023.

RESUMO

A infraestrutura escolar e os ambientes educacionais, tem papel fundamental na educação e no processo de ensino-aprendizagem. O componente curricular Educação Física, que é garantido por lei a todas as crianças no ensino regular, tem uma demanda de espaços físicos adequados que garantam o bom desenvolvimento das aulas. Infelizmente, a realidade encontrada em grande parte das escolas públicas não condiz com essa demanda e está longe do ideal. Por isso, o objetivo do presente estudo foi observar, descrever e analisar a infraestrutura física disponível para as aulas de Educação Física no ensino fundamental de escolas municipais de Pederneiras-SP. Ainda, a partir da visão dos professores, coordenadores e Secretaria da Educação sobre a infraestrutura física das escolas, identificarmos potencialidades e perspectiva de superação das possíveis dificuldades encontradas em busca de desenvolver os conteúdos e atingir os objetivos esperados na Educação Física Escolar. Por meio de estudo qualitativo, foram realizadas entrevistas com seis professores da rede municipal da cidade, quatro coordenadoras e foi submetido um questionário a secretaria municipal de educação, que optou por esse método. A fim de investigar a realidade das estruturas físicas das escolas, foram realizados observações, descrição e registros por meio de imagens dos espaços de quatro unidades de ensino da cidade. Através das entrevistas e observações dos ambientes escolares, foi possível constatar o estado atual da infraestrutura destinada as aulas de Educação Física no município. Para a análise das entrevistas, foi utilizado um recurso de nuvem de palavras, geradas através do site: <https://wordart.com>. Como base metodológica para compreensão dos fenômenos, utilizamos a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH). Os docentes e coordenadoras das escolas, concordam ao dizer que os espaços disponíveis não são suficientes para atender as aulas e o número de alunos de forma eficiente. Foi constatado pela fala dos professores, que existe a necessidade constante de adaptar as aulas, para cada realidade. É dessa forma que eles driblam essa problemática no dia a dia. Ao final dessa investigação, foi elaborado um produto educacional em formato de vídeo, expondo a realidade e as alternativas encontradas, para o desenvolvimento das aulas.

Palavras-chave: Ambiente escolar. Quadra. Adaptações. Educação Física escolar.

VITORINO, Mariana. **MINHA ESCOLA NÃO TEM QUADRA**: problemáticas e possibilidades diante à falta de espaço físico adequado. Orientador: Milton Vieira do Prado Junior. 2023. Número de volumes ou folhas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – [Instituto/Faculdade/Centro], Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru, 2023.

ABSTRACT

The school infrastructure and educational environments play a fundamental role in education and the teaching-learning process. The Physical Education curriculum component, which is guaranteed by law to all children in regular education, requires suitable physical spaces to ensure the proper development of classes. Unfortunately, the reality in public schools does not align with this demand and falls far from ideal. Therefore, the objective of this present study was to observe, describe, and analyze the physical infrastructure available for Physical Education classes in the elementary schools of Pederneiras-SP. Additionally, based on the perspective of teacher coordinators and the Secretary of Education regarding the physical infrastructure of schools, we aimed to identify strengths and potential solutions to overcome the possible difficulties encountered in order to develop content and achieve the expected goals in School Physical Education. Interviews were conducted with six teachers from the city's municipal network, four coordinators, and a questionnaire was submitted to the municipal education department, which chose this method. In order to investigate the reality of the physical structures of the schools, observations, descriptions, and image recordings of the spaces in four educational units in the city were carried out. Through interviews and direct observations of school environments, it was possible to assess the current state of the infrastructure for Physical Education classes in the municipality. Teachers and coordinators at the schools agree that the available spaces are not sufficient to efficiently accommodate classes and the number of students. According to the teachers' statements, there is a constant need to adapt the classes to each reality. This is how they overcome this issue in their daily lives. At the end of this investigation, an educational video product was developed, showcasing the reality and the alternatives discovered for lesson development.

Keywords: School environment. Sports court. Adaptations. School Physical Education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Modelo PPCT _____	23
Figura 2 - Cronossistema na TBDH _____	24
Figura 3 - planta da escola 1 _____	34
Figura 4 - espaço cimentado sem cobertura; Figura 5 - gramado e parquinho;	
Figura 6 - pátio hexagonal com pilares _____	36
Figura 7 - planta da escola 2 _____	38
Figura 8 - Quadra coberta _____	39
Figura 9 - Pátio coberto; Figura 10 - jardim _____	40
Figura 11 - Planta da escola 3 _____	41
Figura 12 - Espaço destinados à Educação Física da Escola (pátio coberto);	
Figura 13 - Espaço destinados à Educação Física da Escola _____	42
Figura 14 - planta da escola 4 _____	43
Figura 15 – pátio; Figura 16 – gramado; Figura 17 - espaço cimentado; Figura	
18 - espaço cimentado da escola _____	44
Figura 19 - Nuvem de palavras referente a pergunta 5 _____	50
Figura 20 - Nuvem de palavras referente a pergunta 6 _____	52
Figura 21 - Nuvem de palavras referente a pergunta 11 _____	56
Figura 22 - Nuvem de palavras referente a pergunta 5 _____	61
Figura 23 - Nuvem de palavras referente a pergunta 4 _____	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados sobre os professores participantes da pesquisa	48
Tabela 2 - Nuvem de palavras referente a pergunta 11	56
Tabela 3 - Resposta sobre a formação e tempo no cargo da Secretária de Educação do Município	63

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Percurso de vida até a problemática do estudo	9
1.1 Introdução do Problema do Estudo	13
2 OBJETIVO	15
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	15
3.1 A INFLUÊNCIA DA ESTRUTURA DO AMBIENTE PARA OS ESCOLARES.....	15
3.2 O ambiente da Educação Física Escolar à luz da Teoria Bioecologica do Desenvolvimento Humano (TBDH)	20
3.3 A realidade da infraestrutura nas escolas públicas.....	27
4 METODOLOGIA	31
4.1 Tipo de pesquisa	31
4.2 Universo da pesquisa	31
4.3 Participantes	31
4.4 Materiais e Métodos	32
4.5 Procedimentos de análise	32
5. Resultados e Discussão.....	33
5.1 Ambiente escolar e espaços utilizados para as aulas de Educação Física.....	33
5.2 Características e respostas dos Professores a entrevista	48
5.3 Características e respostas das Coordenadoras na entrevista	58
6.2 Características e respostas da Secretária de Educação no questionário	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
PRODUTO EDUCACIONAL	70
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	74

1 INTRODUÇÃO

1.1 Percurso de vida até a problemática do estudo

Iniciarei essa pesquisa contando brevemente minha trajetória até aqui. Minha formação, desde a Educação Infantil, até o Mestrado, foi sempre em escolas públicas. Quando no Ensino Fundamental, me recordo de gostar bastante das aulas de Educação Física e esperar com entusiasmo por elas, mesmo o meu professor, na época, seguindo o modelo esportivista (futsal, vôlei, handebol e queimada). González (2020) trata esta visão esportivista como uma prática tradicional que prevaleceu até meados da década de 1990 na área, que vem perdendo força entre os teóricos da Educação Física Escolar, porém é uma tendência que podemos encontrar nas escolas.

Já no ensino médio, o cenário mudou. As aulas de Educação Física eram praticamente inexistentes, o professor, no final de sua carreira docente, não desenvolvia quaisquer atividades com os alunos. Eram aulas livres, ficando disponível algumas bolas, mas geralmente os meninos as utilizavam, e nós meninas, ficávamos sentados conversando. Tal situação é contextualizada por González (2020) como abandono do trabalho docente ou desinvestimento pedagógico que para o autor parece ser comum de observamos esta prática do “rola a bola”. Fato este que estudiosos como González e Fensterseifer (2009) deixa claro que a área de Educação Física hoje já não aceita mais esta postura profissional e que necessita assumir o seu papel e responsabilidade na formação dos alunos dentro do contexto escolar.

Mesmo com estas vivências, o interesse pela prática motora me levou a buscar fora do contexto escolar a prática de atividades como: o Balé e Ginástica Artística. Práticas estas em paralelo as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental, criaram o interesse em escolher o curso de Educação Física como minha área de formação profissional. Bronfenbrenner (1996) como precursor da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) coloca como princípio a importância da vivência de um ambiente e as influências que estas experiências podem gerar ao longo do tempo no ciclo do

desenvolvimento humano, definindo interesse e escolhas de envolvimento da pessoa em diferentes contextos ambientais.

Me formei em Licenciatura em Educação Física, pela UNESP Bauru, no ano de 2013. Durante a graduação, tive experiência em mais de uma escola pública da cidade de Bauru, tanto municipal, quanto estadual. Em projetos de extensão ou nos estágios, pude ver como eram realizadas as aulas de vários docentes, em diversas realidades de infraestrutura muitas delas com estruturas deficitárias. Sá e Werle (2017) fez um levantamento sobre as condições de infraestrutura das escolas públicas e verificou que números reduzidos delas possuem condições adequadas para atingir os objetivos de uma educação de qualidade. Assim, uma ideia do que eu poderia vir a enfrentar foi se formando, mesmo imaginando que, talvez não estivesse pronta para tal situação. A vivência no estágio curricular supervisionado é valorizada pelo estudo de Freire, Venditti Júnior e Prado Jr. (2023) que consideram este um local de aprendizagem fundamental para o futuro profissional, visto que o estágio sofre influências de pessoas e contextos ambientais reais que precisam ser percebidos, analisados e enfrentados. Para os autores que também se utilizaram a TBDH consideraram que a atividade por alunos de graduação teve significado para os mesmos e persistiram no tempo, portanto, podemos assumir que as vivências foram incorporadas e balizará sua prática profissional.

Após, a conclusão do curso, trabalhei por um ano como professora eventual (substituta) em escolas estaduais, do município de Bauru-SP. A partir de 2015, ingressei como docente temporária, na rede municipal da cidade de Pederneiras-SP, no Ensino Fundamental I, em 2017 me tornei efetiva e estou até hoje.

Nas escolas pelas quais passei, todas tinham algum tipo de limitação, referente a estrutura física básica para a disciplina de Educação Física, reafirmando o que foi relatado por Sá e Werle (2017). Tanto de espaço físico para as aulas ou de falta de materiais, por vezes os dois, semelhante ao que foi observado por Tenório et al. (2012). Tanto enquanto aluna, quanto como professora, encontrei quadras descobertas, quadras de uso conjunto com a comunidade (o que acarretava depredação do espaço), falta de quadra, poucos materiais, materiais antigos e malconservados.

Enquanto docente da rede estadual, pude observar que a quadra é local sempre presente na estrutura escolar, porém, encontrei falta de materiais em todas elas. Por outro lado, nas escolas municipais em que lecionei, os materiais existiam, algumas tendo até um bom acervo deles, porém a falta de espaços para a utilização deles aconteceu por diversas vezes. Dados semelhantes a esta vivência são relatados no estudo de Teixeira, Soares e Ferreira (2018) quando analisou a situação dos espaços físicos para a Educação Física na visão dos professores de uma cidade do Ceará, neste estudo os autores relataram uma diversidade grande de estrutura física em cada escola estudada, criando um ambiente diferente para o desenvolvimento das aulas em cada unidade de ensino.

A realidade das escolas públicas, difere grandemente da universidade em que realizei a graduação, em estrutura, materiais, ambiente etc. E até mesmo, somos advertidos durante a graduação, quanto a realidade em que encontraremos em nossa prática e como deveremos adaptar materiais e estrutura, para desenvolver nosso trabalho. Adaptação essa necessária segundo Sá e Werle (2017) para buscar atender os objetivos pedagógicos.

Na sequência da minha jornada agora como professora em ação percebi que para enfrentar as dificuldades e efetivar minha atuação seria fundamental retornar a Universidade através de cursos. Neste momento, vislumbrei através do PROEF a possibilidade de uma formação continuada, específica para os profissionais que atuam no ensino público.

Ao adentrar no Mestrado profissional logo na primeira disciplina: Problemáticas da Educação Física Escolar, ficou evidente pelos textos e relatos dos mestrandos que alguns problemas eram comuns e outros específicos de uma cidade e/ou região. Um problema específico relatado, algo que pensava já estava superado, era a não presença do professor especialista em Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental, porém como relatado pelos mestrandos existem cidades do nosso estado que isso não ocorre e é constatado nos estudos de Souza et.al. (2019), Vieira et al. (2020) e Freire et al. (2022).

Em relação a problemas comuns o que mais foi citado era a falta de infraestrutura ideal e material para o desenvolvimento das aulas de Educação Física e de todas as unidades de ensino previstas nas propostas curriculares

para área. Fato esse relatado em estudos da área, entre eles estão os trabalhos de Damazio e Silva (2008), Sousa (2018), Triani (2019) e Souto et al. (2021). Assim, consolidou o meu interesse em investigar sobre as estruturas físicas no contexto escolar e suas influências no dia a dia das aulas de Educação Física.

No percurso das disciplinas, vivencie a disciplina Desenvolvimento Humano e tive o primeiro contato com a TBDH proposta por Bronfenbrenner (1996). Percebi, neste momento, que os pressupostos da teoria valorizando a estrutura do ambiente físico e de pessoas geram relações fundamentais para o desenvolvimento da criança. Assim, começa a tomar forma a problemática deste estudo e o referencial que utilizaremos para análise dos dados observados nas escolas municipais quanto ao espaço físico para o desenvolvimento das aulas de Educação Física.

Damázio e Silva (2008) discutindo sobre os problemas estruturais em educação e como estes estão atreladas as políticas públicas, concluem que: “adotando o discurso da “criatividade” como forma de suprir tais lacunas é, no mínimo, romantismo pedagógico e banalização do ato de criar e/ou recriar a partir de um processo que deve reunir condições materiais e trabalho sério.” (p.193). Criatividade e adaptação fazem parte da prática profissional, porém, não deveria ser devido à falta de condições nas instalações e materiais, mas sim, por opção de estratégia de ensino.

Diante da falta de espaço e materiais adequados, muitos profissionais alegam não trabalhar determinados conteúdos, por falta de recursos, porém, não é difícil encontrar professores que realizam adaptações em suas aulas, para driblar esse déficit, como ressalta Sebastião e Freire (2009). As autoras observaram aulas de docentes de escola pública na cidade de São Paulo e relataram a utilização de garrafas pet, saquinhos de areia, placas de E.V.A. e pneus, como alguns exemplos de materiais adaptados em suas aulas.

Porém, por mais criativos e inovadores que os professores possam ser, frente a infraestrutura da escola ou precariedade dela, podem ter seus planos e ideais prejudicados. Uma vez que, fatores estruturais limitam as possibilidades, dentro do grande hall da Educação Física escolar (Sá; Werle, 2017).

Ferreira Neto (2021) demonstrou em sua pesquisa que, para atender as especificidades da disciplina, os professores precisavam recorrer a espaços

externos a escola, por falta de quadra e ausência de infraestrutura, em escolas públicas do estado do Rio de Janeiro.

1.2 Introdução do Problema do Estudo

Cada componente curricular no contexto escolar possui suas peculiaridades e necessidades para que possam atingir os objetivos educacionais. Na Educação Física, existe a necessidade de local adequado para a realização das aulas. A Educação Física possui demanda corporal, de movimento, as chamadas “atividades práticas”, que necessitam de espaço para a realização coletiva dos diferentes conteúdos.

A infraestrutura interfere nas práticas pedagógicas, na qualidade das aulas e das vivências dos alunos. Segundo a LDB, lei 9.394 de 1996 (BRASIL, 1996), de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, é dever do Estado garantir “padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.”

Já a BNCC, Base Nacional Comum Curricular, em uma de suas dez competências, da Educação Física para o ensino fundamental, prevê que ela proporcione aos alunos: “experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo” (BRASIL, 2018, p.223)

Ainda, no Currículo Paulista (São Paulo, 2019), é previsto para o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, experimentar e fruir esportes de marca e precisão, de rede/parede, de campo e taco, ginásticas, lutas, jogos e brincadeiras, esportes paralímpicos e danças.

Atualmente, há modelos de construções de escolas públicas em que uma quadra ou espaço destinado as aulas de Educação Física não existem. Dessa forma, os professores precisam se adequar e repensar suas práticas, de acordo com a realidade de espaço físico disponível (Damazio; Silva, 2008). Muitas vezes é um gramado, um espaço de terra, um pátio, um cimentado sem cobertura, ou uma quadra de uso comum com a comunidade.

Esse parece ser um problema recorrente dentro da Educação Física escolar. Uma indagação inicial, é o porquê de se construírem escolas públicas, sem o espaço adequado para a realização das aulas, de uma disciplina que é prevista no currículo da educação básica, por lei, no caso, a Educação Física? O Censo Escolar de 2018, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2019) demonstrou que, nas escolas públicas municipais, apenas 30% possuem uma quadra (coberta ou descoberta). Demonstrando uma realidade preocupante em relação as escolas de âmbito municipal em relação a conseguir desenvolver os conteúdos e atingir os objetivos esperados para esta área, em especial nos primeiros 5 anos do ensino fundamental, responsabilidade prioritária dos municípios.

A escola em que leciono é gerida pelo município e foi construída pelo governo federal, que possui modelos de escolas prontos, determinados pelo número de alunos que serão atendidos. Esta, não possui uma quadra ou qualquer espaço destinado as aulas de Educação Física em sua planta. Escola, que inclusive, foi entregue com um número de salas inferior a demanda. Sem qualquer estrutura destinada as aulas de Educação Física. Uma vez que foi entregue a escola nesse formato, questiono, o que a prefeitura do município fez ou faz para mudar essa realidade?

Isso tudo, somado a outras problemáticas encontradas na nossa realidade, como por exemplo, o déficit de professores na rede municipal e a falta de professores substitutos, levam a junção de turmas, quando na ausência de professores, e aquele espaço que já era pequeno e inadequado para a realização da aula, se torna ainda pior.

Por vezes, o professor se depara com situações que colocam em risco a qualidade das aulas e o aprendizado do aluno. Por exemplo, ter que ministrar aula para 40 alunos ou mais, em um pátio pequeno, em formato de hexágono, com vários pilares, ou em um espaço pequeno, descoberto, no sol. Dessa forma, por diversas vezes precisa mudar seu planejamento em cima da hora e não consegue atingir os objetivos previstos.

A escola em que atuo, é uma escola integral, em que são ofertados diversos componentes curriculares, como dança, arte, música, educação ambiental, inglês, informática e educação física, mas que não conta com a infraestrutura básica e necessária para a realização deles.

Segundo Nunes e Couto (2006) educação física escolar, com enfoque na cultura corporal de movimento, além dos jogos, esportes, ginásticas, dança, lutas, tem o papel de tratar sobre outras temáticas, bem como problemas sócio-políticos e a discussão sobre suas implicações na vida dos estudantes. Levando-os a refletir sobre a sua realidade e as práticas sociais. Mas para que isso ocorra com eficiência, é necessário um ambiente favorável, onde exista condição mínima de espaço adequado, para que haja ação-reflexão-ação, durante as aulas de educação física (Damazio; Silva, 2008).

2 OBJETIVO

O objetivo do presente estudo foi observar, descrever e analisar a infraestrutura física disponível para as aulas de Educação Física no ensino fundamental de escolas municipais de Pederneiras-SP. Além disso, a partir da visão dos professores coordenadores e Secretária da Educação sobre a infraestrutura física das escolas identificarmos potencialidades e perspectiva de superação das possíveis dificuldades encontradas em busca de desenvolver os conteúdos e atingir os objetivos esperados na Educação Física Escolar.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 A INFLUÊNCIA DA ESTRUTURA DO AMBIENTE PARA OS ESCOLARES

Estudos mostram que o ambiente e arquitetura de escolas e creches tem grande influência no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Uma vez que, sendo um ambiente elaborado pensando em atender as reais necessidades, adequado a faixa etária, funcional e agradável, pode ter influência positiva e do contrário, negativa no processo ensino aprendizagem (Oliveira; Lima, 2021).

Alguns autores trouxeram à tona essa temática, ao abordar a influência que a estrutura do ambiente tem, seja na vida cotidiana, em instituições públicas ou na vida de nossos escolares. Estudiosos como, Maria Montessori, Michel Foucault e Urie Brofenbrenner, podem colaborar com o entendimento sobre essa perspectiva.

Maria Montessori, falava sobre a importância da arquitetura ambientes adequados e ajustados, para que favoreçam as crianças a desenvolver autonomia, confiança, através de uma autoeducação, em que ela é protagonista de sua aprendizagem e experiências educacionais. Dessa forma, um dos pilares da educação montessoriana, é o enfoque no ambiente e em sua arquitetura/design (Oliveira; Lima, 2021).

Seus princípios e enfoques metodológicos, são conhecidos como método Montessori. Dois componentes principais integram esse método, o ambiente (incluindo os materiais e exercícios educacionais) e o professor, que prepara esse ambiente. Em seu livro, Lillard (2017) aborda o que é o método Montessori e sua relevância. Sobre a forma como essa metodologia aborda o ambiente, a autora diz:

Montessori considerava a ênfase no ambiente um elemento básico de seu método. Ela descrevia esse ambiente como um lugar que nutria a criança, planejado para suprir suas necessidades de autoconstrução e revelar para nós sua personalidade e padrões de crescimento. Isso significa que o ambiente não deve conter apenas aquilo de que a criança precisa, no sentido positivo, mas que todos os obstáculos ao crescimento dela também devem ser removidos (Lillard, 2017, p.45).

Baseado em anos de estudos, ela traçou perfis gerais de comportamento e possibilidades de aprendizagem de acordo com a faixa etária, propondo a organização e adequação ambiental para melhor atender cada uma delas. Em seu estudo, Oliveira e Lima (2021) realizaram uma pesquisa de campo, em uma escola montessoriana de educação infantil, na cidade de Recife-PE, e observaram que nesses espaços os alunos exercitavam sua autonomia manuseando livremente os equipamentos para realizar suas atividades sozinhos, com autoconfiança e segurança, contribuindo para seu desenvolvimento pleno.

O espaço escolar é representação de interesses nem sempre explícitos, que podem afetar a vida dos sujeitos e causar inclusões e exclusões. O espaço

dessa forma, faz parte da ideia de currículo oculto, ou seja, normas e valores, que, embora não estejam explícitas, são efetivamente transmitidas pela escola (Ribeiro, 2004).

Os espaços ocupados pela população diariamente, sobretudo os públicos, são carregados de influências sociopolíticas, o que explica em grande parte o descaso com tais ambientes. Não diferente, encontram-se nessa situação as escolas públicas, que precisam se acostumar com o imprevisto por conta de negligência. Os espaços escolares necessitam de atenção, pois de acordo com Escolano (1998):

Os espaços educativos, como lugares que abrigam a liturgia acadêmica, estão dotados de significados e transmite uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores do chamado currículo oculto [...] a arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta (ESCOLANO, 1998, p.27 e 45).

A ideia de “oculto” ou (in)visível, relaciona-se com a pouca ou não valorização desse aspecto escolar e em como ele é por vezes esquecido, não quer dizer que seja dispensável estudá-lo, pois como bem ressalta Frago e Escolano:

A arquitetura escolar, além de ser um programa invisível e silencioso que cumpre determinadas funções culturais e pedagógicas, pode ser instrumentada também no plano didático, toda vez em que define o espaço em que se dá a educação formal e constitui um referente pragmático que é utilizado como realidade ou como símbolo em diversos aspectos do desenvolvimento curricular (FRAGO E ESCOLANO, 1998, p.47).

Corroborando com essa visão dos espaços e seus significados Foucault (2002), ressalta assim a forma como as instituições carregam objetivos por trás dos interesses do poder político. Esse renomado filósofo e teórico social francês, teve um impacto significativo no campo da educação por meio de suas ideias e conceitos. Seu trabalho enfocou o poder, o conhecimento e as formas pelas quais as instituições, incluindo os sistemas educacionais, operam para controlar e moldar indivíduos e sociedades.

Alguns aspectos-chave da relação de Foucault com a educação incluem o disciplinar e punir. Em seu livro "Vigiar e Punir", Foucault (2002) discute a transformação histórica da punição e o desenvolvimento de técnicas

disciplinares. Ele analisa as maneiras pelas quais as sociedades modernas, incluindo instituições educacionais, usam métodos disciplinares para regular o comportamento e moldar os indivíduos em sujeitos obedientes e produtivos

O ambiente reflete os objetivos das instituições e estado, podendo ser esses de liberdade ou de limitação. Foucault (2002) estudou como as instituições e os espaços sociais são garantidos em termos de poder e controle. Ele examinou locais específicos, como prisões, hospitais, escolas e fábricas, são projetados e organizados para exercer disciplina e controle sobre os indivíduos. Esses espaços de poder são estruturas físicas, que podem ser consideradas como parte da infraestrutura, e funcionam em conjunto com técnicas disciplinares para moldar comportamentos e subjetividades.

O sujeito, visto como um objeto, poderia ser moldado e modificado por essas instituições. Caciciano e Silva (2012) argumenta que o corpo é adestrado, por meio de punições e castigos, para que não infrinja as normas de determinadas instituições.

O que se quer são corpos dóceis, para que sejam corpos úteis. Dessa forma, segundo Foucault (2002), por meio de um método que ele chama de *disciplinas*, visa principalmente a organização do espaço, do tempo e das capacidades. Esse método busca inicialmente a distribuição dos indivíduos no espaço. Vigiar, para que não formem grupos desordeiros.

Trazendo essa concepção para o ambiente escolar, observa-se a disposição das salas de aula:

[...] ao colocar os alunos em filas, a função de vigilância foi amplamente facilitada; ao distribuir os alunos em função de seus comportamentos e desempenhos, pode-se hierarquizar e, a partir daí, premiar ou punir, bastando para isso mudar um aluno de lugar (PANIAGO, 2005, p.7).

Os corpos são educados por toda a realidade que por eles circunda, por todas as relações que são estabelecidas em espaços definidos e delimitados, o corpo educado em uma determinada sociedade, revela sobre ela um retrato. Campos (2001) estudou sobre a arquitetura das escolas públicas em duas cidades do interior paulista durante a primeira república e relata como os edifícios escolares eram projetados nessa época a fim de servir como propaganda política e atender os anseios do governo da época.

Hoje, em conformidade com essa tendência, as escolas são projetadas segundo interesses políticos, contemplando ou não, aquilo que se julga importante ou fundamental dentre os componentes curriculares obrigatórios. Por vezes não atendendo nem as necessidades básicas para o bom funcionamento de uma unidade escolar.

Como nos alerta Damazio e Silva (2008) como o interesse é atender a demanda e aumentar o número de matrículas por decisões políticas, as escolas são construídas em áreas impróprias, espaços físicos mal utilizados ou insuficientes com salas de aulas pequenas e dispostas de forma irracional, ou seja, são atreladas a relação custo-benefício, atender mais alunos com custos cada vez menores. Os autores relatam que muitas escolas são construídas e entregues, por exemplo, sem o espaço adequado para aulas de Educação Física, somente conquistados posteriormente através de reformas e adaptações em espaços existentes. Concluem que a falta de instalações adequadas interfere de modo significativo no trabalho pedagógico do profissional e criticam os dirigentes que dizem que os professores precisam ser criativos para suprir tais lacunas ao invés de projetarem políticas públicas e ampliarem investimentos na infraestrutura escolar.

Relacionando a falta do espaço para a Educação Física em algumas escolas podem estar relacionadas a ideia de controlar os corpos dentro da escola e inibir a cultural corporal. Este fato pode ser compreendido segundo Damazio e Silva (2008) sob dois aspectos: a não valorização social da Educação Física no contexto escolar ou o descaso das autoridades públicas com a educação da população mais pobre. Porém, se a Educação Física faz parte dos currículos ele precisa ter o espaço adequado para que os objetivos educacionais sejam alcançados.

Ao falarmos sobre o ambiente educacional, não podemos nos esquecer de olhar para a acessibilidade. Uma infraestrutura inclusiva e acessível é essencial para atender às necessidades de todos os alunos, incluindo aqueles com deficiências físicas ou outras necessidades especiais. Ela garante que todos tenham igualdade de oportunidades de participar plenamente do processo educativo, Freire et al. (2023)

Um ambiente escolar acessível é aquele que permite a participação plena e igualitária de todos os estudantes, independentemente de suas habilidades ou

condições físicas, sensoriais, cognitivas ou emocionais. Garantir a acessibilidade na escola é fundamental para promover a inclusão e o respeito à diversidade, garantindo que todos os alunos tenham igualdade de oportunidades para aprender e se desenvolver. A escola deve ser projetada e adaptada para permitir a livre circulação de todas as pessoas. Isso inclui rampas, corrimãos, elevadores, banheiros acessíveis, portas largas, piso antiderrapante e espaços adequados para acomodar estudantes com deficiência física ou mobilidade reduzida.

Doris Kowaltowski, que estuda sobre a arquitetura escolar, enfatiza que essa, deve ser projetada pensando nas particularidades:

É a partir do desenvolvimento do projeto de arquitetura que se constitui o espaço físico escolar. O estudo pode partir [...] das carências apresentadas pelos espaços educacionais, com o objetivo de atender às necessidades de ocupação de cada comunidade escolar. KOWALTOWSKI (2011, p.62).

Assim, o ideal é que a estrutura das escolas, sejam voltadas a atender as necessidades e demandas de cada comunidade e região.

3.2 O ambiente da Educação Física Escolar à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH)

Assumindo como pressuposto de que o ambiente pode mudar as pessoas e que as pessoas podem mudar o ambiente é que buscamos a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) proposta por Urie Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 1979;1996) como referencial teórico para analisar a problemática das escolas do Ensino fundamental quanto as suas instalações para o desenvolvimento das aulas de Educação Física.

Compreendemos a priori que é dentro do ambiente que as relações humanas ocorrem tanto individualmente, como em grupo, ao longo do curso de vida da pessoa através de gerações. Relações estas que surgem a partir do ambiente físico vivenciado pela pessoa, dos conteúdos desenvolvidos neste ambiente que é valorizado dentro da cultura e sociedade que está inserido em determinado período do tempo histórico (BHERING; SARKIS, 2009).

De forma geral, o ambiente tem influência no desenvolvimento do ser humano, interferindo em seus sentimentos, atitudes e comportamento. Assim, a

interação da pessoa com o ambiente é marcada pela reciprocidade, é uma via de mão dupla. A pessoa em desenvolvimento, molda-se e recria o meio no qual está inserida (BRONFENBRENNER, 1996).

A TBDH tem o enfoque da psicologia do desenvolvimento construído ao longo da segunda metade do século XX e início do XXI (Assis; Moreira e Fornasier, 2021). Desta forma, o desenvolvimento humano é compreendido como o resultado da interação entre a pessoa, o contexto ambiental em que ela vive e se desenvolve, o processo entre ela, esse contexto e o tempo (Bronfenbrenner, 2011; Benetti et al., 2013). Na perspectiva da TBDH, o indivíduo desenvolve-se e influencia o desenvolvimento do seu contexto, simultânea e mutuamente (Bronfenbrenner, 1996).

Portanto, a Teoria Bioecológica enfatiza que a compreensão do desenvolvimento humano deve levar em conta o contexto temporal e as mudanças que ocorrem ao longo do tempo nos diversos sistemas e ambientes que cercam a vida de uma pessoa. Isso ajuda a criar uma visão mais completa e holística do desenvolvimento humano, considerando não apenas as características individuais da pessoa, mas também a influência dos contextos em que ela vive e as mudanças que acontecem ao longo de sua jornada de vida (Assis; Moreira e Fornasier, 2021).

No estudo de Assis, Moreira e Fornasier (2021) revisitando a TBDH reafirma que Urie Bronfenbrenner, ao apresentar esta perspectiva, sofre influências de outros estudiosos para explicar como o desenvolvimento da criança ocorre. Entre eles Kurt Lewin que defende que o ambiente ecológico da pessoa cria um campo fenomenológico que determina o comportamento das pessoas. Afirma que o Comportamento é uma função entre o Ambiente e a Pessoa. Outros autores como Vygotsky, Dearborn e Thomas e Thomas também influenciaram com a perspectiva que o contexto ambiental, sua transformação e estrutura são fundamentais em levar em consideração para entender o desenvolvimento da pessoa.

A grande mudança proposta por Bronfenbrenner (1996) na metodologia de estudos sobre a criança é estudá-la no seu ambiente natural e não em laboratório, ambiente restrito fora do contexto. Portanto, na primeira versão da Teoria Brofenbrenner a questão do ambiente natural é o foco, porém, posteriormente o autor adota a compreensão Bioecológica do desenvolvimento

humano, onde argumenta a necessidade de compreender quatro aspectos inter-relacionados: Pessoa, Processo, Contexto e Tempo – “Modelo PPCT”. (Bronfenbrenner; Morris, 1998; Bhering; Sarkis, 2009; Assis; Moreira e Fornasier, 2021).

Essa relação descreve a interação dinâmica entre quatro elementos-chave que influenciam o desenvolvimento humano ao longo do tempo:

- a) Pessoa (P): Refere-se ao indivíduo em desenvolvimento, com suas características biológicas, psicológicas e sociais. Cada pessoa é única, e suas características pessoais desempenham um papel importante em como ela interage com o ambiente ao seu redor;
- b) Processo (P): Os processos dizem respeito às ações e mudanças que ocorrem dentro do indivíduo ao longo do tempo. Isso inclui o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico que ocorre à medida que a pessoa cresce e interage com o ambiente;
- c) Contexto (C): O contexto engloba os diferentes níveis de ambientes nos quais a pessoa está inserida, conforme explicado pelos sistemas microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema da Teoria Bioecológica. Esses ambientes influenciam e moldam o desenvolvimento da pessoa;
- d) Tempo (T): Refere-se à dimensão temporal do desenvolvimento humano. Através do tempo, as pessoas são afetadas por mudanças nos processos internos e no contexto em que vivem. O tempo desempenha um papel crucial na evolução do desenvolvimento ao longo da vida.

Na Figura 1 está representado os componentes da TBDH. A relação PPCT sugere que o desenvolvimento humano é resultado da interação complexa entre a pessoa, os processos internos que ela experimenta, os diferentes contextos nos quais ela está inserida e as mudanças que ocorrem ao longo do tempo. Esses elementos estão interconectados e influenciam uns aos outros de maneira recíproca, criando um sistema dinâmico e em constante evolução.

Figura 1- Modelo PPC

Fonte: a autora

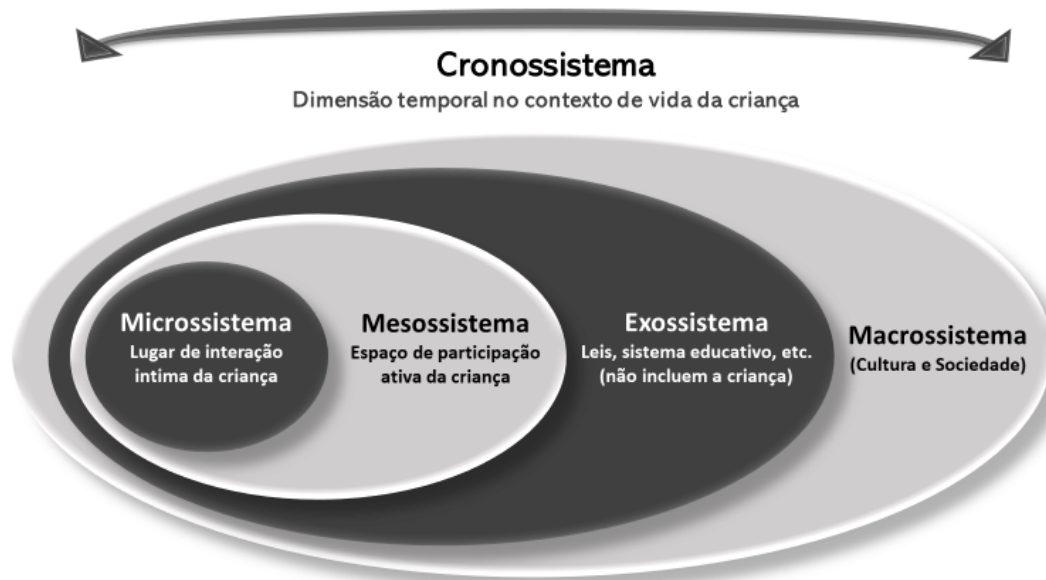
Essa abordagem reconhece a importância de compreender o desenvolvimento humano considerando tanto as características individuais da pessoa quanto o contexto em que ela vive. Além disso, destaca a relevância das mudanças ao longo do tempo para compreender o desenvolvimento de forma holística e abrangente, figura 1 – modelo PPCT.

Embora concordemos que todos estes aspectos se inter-relacionam e devem ser avaliados conjuntamente ao analisarmos a pessoa em desenvolvimento, no presente estudo focaremos na estrutura física do ambiente escolar para as aulas de Educação Física e o que pode interferir nas relações que possam ocorrer no mesmo durante as aulas de Educação Física Escolar. Assim, torna-se imprescindível conhecer como a TBDH aborda os diferentes contextos e quais deles serão prioritários para a análise em nosso estudo.

Em relação aos contextos que envolvem e influenciam a pessoa em desenvolvimento Bronfenbrenner (1996,2011) os subdivide da seguinte forma: Microsistema, Mesossistema, Exossistema e Macrossistema. Argumenta o

autor que em qualquer análise devemos considerar também os aspectos temporais no qual está inserido, o que considera como o Cronossistema, conforme demonstrado na Figura abaixo.

Figura 2 - Cronossistema na TBDH



Fonte: a autora

No estudo de Conzatti e Davoglio (2017) eles apresentam alguns exemplos sobre os contextos vivenciados pela pessoa em desenvolvimento: a) microssistema (contexto imediato da pessoa, exemplo, lar, trabalho ou escola); b) Mesossistema (inter-relação entre dois microssistemas que a pessoa está presente, por exemplo, a relação entre família e escola); c) Exossistema (vínculos e situações entre dois ou mais níveis em que não necessariamente a pessoa em desenvolvimento está inserida, mas que podem influenciar o seu desenvolvimento – relação pais e escola, o trabalho dos pais, Direção da escola e secretária da Educação) e; d) macrossistema (padrões estabelecidos socialmente em dada cultura que repercutem no desenvolvimento – estilos de vida, recursos, crenças). Por fim, o “Tempo”, definido como cronossistema, relaciona mudanças e estabilidades ocorridas com a pessoa em

desenvolvimento ao longo do seu percurso de vida, sendo cumulativas e significativas no decorrer do desenvolvimento.

Bronfenbrenner (1996) descreve da seguinte forma os diferentes contextos que a pessoa passa no ciclo de vida:

Microsistema: É o nível mais próximo do indivíduo e inclui os ambientes com os quais ele tem contato direto e frequente, como a família, escola e amigos. Esses ambientes desempenham um papel crucial no desenvolvimento e podem ter um impacto significativo nas experiências e relações interpessoais do indivíduo.

Mesosistema: Refere-se às interações entre diferentes microsistemas. Por exemplo, a relação entre a família e a escola, onde eventos em um ambiente podem influenciar o outro. As interconexões entre os microsistemas são consideradas importantes para entender o desenvolvimento humano.

Exossistema: Engloba os ambientes indiretos que podem afetar o indivíduo, mesmo sem sua presença direta. Isso pode incluir o local de trabalho dos pais ou políticas governamentais que podem influenciar a vida da criança ou adolescente.

Macrossistema: É o nível mais amplo e abrange os valores culturais, crenças sociais, sistemas econômicos e políticos de uma sociedade. Esses fatores podem moldar a forma como os outros sistemas interagem e afetam o desenvolvimento humano.

Dessa forma, a análise dos contextos propostas na TBDH concebe os ambientes como estruturas encaixadas e permite interligar a dinâmica das relações entre sujeito e contexto; as características da pessoa (biológica, cognitiva, emocional e comportamental); os níveis/ambientes ecológicos do desenvolvimento humano; e o tempo, nos diferentes aspectos da temporalidade (familiar, ontogênico, histórico), constituidores do cronossistema (Conzatti; Davoglio, 2017).

O cronossistema considera que os indivíduos são influenciados por eventos e mudanças que ocorrem em suas vidas ao longo do tempo. Essas mudanças podem ser de curto prazo ou de longo prazo, como transições importantes na vida (por exemplo, mudança de escola, casamento, nascimento de um filho, entre outros), avanços tecnológicos, eventos históricos, mudanças políticas, entre outros.

As mudanças no cronossistema podem afetar os diferentes sistemas que compõem a vida de uma pessoa, desde os microssistemas mais próximos (família, escola, amigos) até os macrossistemas mais amplos (valores culturais, políticas sociais, economia). Por exemplo, mudanças econômicas em uma sociedade podem afetar o acesso a recursos e oportunidades para os indivíduos e suas famílias, influenciando diretamente seu desenvolvimento (Yunes; Juliano 2010; Zaatari; Maalouf, 2022).

Podemos assim relacionar a TBDH com a escola, uma vez que o ambiente escolar é constituído a partir da dimensão temporal (relacionada ao tempo de uso do espaço); funcional (sobre a utilização do local e quais os objetivos); relacional (quem utilizará os espaços e de que forma); física (infraestrutura escolar). Dessa forma, a organização escolar pode ampliar o processo de ensino aprendizagem das crianças.

Zaatari e Maalouf (2022) utilizando-se da TBDH analisou em sua revisão fatores que melhoram a sensação de pertencimento da criança no contexto escolar e que se este for positivo melhora o processo de aprendizagem e desenvolvimento. Um dos fatores que consideram importante é um ambiente seguro em sua estrutura física. Os autores argumentaram que uma estrutura física limpa e livre de danos aumenta a sensação de segurança e participação das crianças. Porém, muitas vezes a criança não sabem os riscos de utilizar, por exemplo, um equipamento do playground de forma descuidada que pode gerar uma lesão. Portanto, concluem que as escolas e os dirigentes superiores delas devem fornecer um ambiente seguro, com supervisão periódica das condições para o desenvolvimento nos ambientes de ensino.

Em um estudo feito em escolas do ABC paulista, Silva et al. (2019) analisaram a infraestrutura de escolas do ensino infantil. O que chamou a atenção nos resultados foi a desigualdade entre os recursos fornecidos em diferentes unidades:

A infraestrutura escolar pode atuar contribuindo para reduzir as desigualdades sociais. Neste caso, de fato, ela atua fazendo com que crianças de nível socioeconômico mais baixo (pobres) possam ter acesso a oportunidades de utilizar e manusear materiais e equipamentos e vivenciar situações de aprendizagem que não seriam possíveis em suas realidades sociais (contexto familiar e social). Neste sentido, a luta da escola pela aquisição e melhoria da infraestrutura escolar, para atuar no desenvolvimento das crianças é, entre outras coisas, uma forma de lutar contra as desigualdades sociais. (SILVA et al, 2019, p. 263).

Observa-se assim que o ambiente escolar, incluindo a infraestrutura, sobretudo de escolas públicas, são insuficientes e refletem no contexto, reforçando as desigualdades. Um exemplo de como o macrossistema interfere no microssistema e geram ambientes diferenciados que irá interferir no processo de desenvolvimento dos escolares (Zaatari; Maalouf, 2022).

3.3 A realidade da infraestrutura nas escolas públicas

Quando paramos para analisar a estrutura das escolas públicas destinadas ao Ensino Fundamental, notamos algumas características comuns, porém em sua maioria, observamos diferenças que ocorrem desde o momento da construção ou por reformas e adaptações de espaços. Damazio e Silva (2008) analisando escolas construídas até a década de 1980 poucas enfatizavam espaços para as aulas de Educação Física nos anos iniciais, visto que neste período não existia a figura do professor especialista formado responsável por este componente escolar.

Nas escolas estaduais em que já estive, quer como aluna, quer como docente, eram em sua maioria com aspecto de prisões, muitas grades, portões, cadeados e corredores longos e escuros. Porém, em sua maioria tem o espaço da quadra para as aulas de Educação Física, muitas vezes como nos lembra Souto et al. (2021) em precárias condições, onde os próprios alunos percebem que isto influencia a qualidade das aulas e os professores afirmaram que com melhores condições e materiais conseguiriam atingir os objetivos desta disciplina no contexto escolar.

Já nas escolas municipais, muitas têm característica de prédios mais abertos, espaços arborizados. Porém, algumas são construídas sem espaços adequados para a realização das aulas de Educação Física.

Se analisarmos a estrutura escolar de acordo com a história, podemos observar que a presença de uma quadra esportiva, era quase que obrigatória nas décadas passadas. Em seu estudo, Remonte (2014) nos mostra que, a Educação Física entre os anos de 1964 e 1985, era competitivista/esportivista, cujo objetivo fundamental era a caracterização da competição e superação individual como valores fundamentais e desejados para a sociedade moderna.

Isso refletia nos espaços destinados à Educação Física escolar, onde a quadra era um local visto para a prática dos esportes, principalmente aqueles previamente demarcados com as linhas no chão (Futsal, Voleibol, Basquete e Handebol). Assim, era esperado neste momento histórico que a arquitetura da escola contemplasse uma quadra poliesportiva.

Em contrapartida, hoje, vemos um retrocesso na valorização da Educação Física, pois, se quer estão pensando nela e em sua importância na hora de planejar e construir espaços escolares. Se por um lado, tem-se avançado em estudos e formação de professores, de forma a valorizar a cultura corporal de movimento e todas suas possibilidades para além do ensino de esportes, vemos um “esquecimento” da existência da disciplina por parte do governo, ao construir novas escolas sem o espaço para o desenvolvimento prático destas aulas. Para o autor é fácil perceber que em muitas situações não existem e quando existem estão em péssimas condições o que limita práticas, vivências e experiências aos estudantes comprometendo o desenvolvimento e o alcance dos objetivos da Educação Física Escolar, Sousa (2018).

Almeida (2016) argumenta que as mudanças na escola, não só física quanto pedagogicamente, sempre ocorreram devido à necessidade de adaptação ao modelo de sistema vigente em cada época e ao processo de transformação social no país. Pensando nisso, surge um questionamento dos motivos pelos quais as escolas não possuem infraestrutura adequada para determinadas disciplinas e atividades. Se existe alguma motivação do Governo em construir escolas sem quadra, e qual seria a motivação?

Essa problemática acontece em diversos lugares do país. Um estudo feito por Damázio e Silva (2008) em dez escolas públicas da cidade de Teresópolis, mostrou a falta de infraestrutura adequada para as aulas de Educação Física. Escola sem quadra, quadras descobertas, piso em precárias condições, sem demarcações, falta de local para armazenamento dos materiais entre outros apontamentos surgiram como resultado da investigação dos autores. Para os autores essa situação impacta diretamente no planejamento das aulas e sobretudo na qualidade das experiências vividas pelos alunos. Assim, para mudar esta realidade os professores deveriam buscar mecanismos de intervenção nos processos de discussões mais amplo no campo político social visando superar as deficiências estruturas do espaço físico e de instalações de

qualidades para que a área da Educação Física se consolide no âmbito da Educação Básica.

Ao realizar entrevistas com professores de Educação Física, Canestraro (2008) em seu trabalho, questionou sobre as principais dificuldades encontradas ao ministrar as aulas de Educação física no contexto escolar. A resposta da maioria dos professores, que a maior dificuldade é a falta de infraestrutura e materiais. Constatação esta, que por vezes, causa frustração aos docentes e a necessidade de sempre adaptar conteúdos e não conseguir desenvolver outros devido as condições da estrutura física.

Em uma pesquisa realizada numa escola pública, de Miranorte/TO, Carvalho, Barcelos e Martins (2020) concluíram que a falta de infraestrutura adequada para as aulas de Educação Física causa desconforto para docentes e discentes. Além disso, impacta na realização das atividades e coloca até mesmo em risco a integridade física dos educandos.

A situação chega a ser bem precária, até mesmo, com a falta de qualquer espaço dentro das escolas, para a realização das aulas de Educação Física. É o que demonstra o estudo de Ferreira Neto (2021), realizado em Armação dos Búzios/RJ. De cinco escolas públicas municipais, quatro delas não possuíam quadra esportiva. Os professores relataram a dificuldade encontrada por terem que levar os alunos em espaços externos a escola, muitas vezes disputando a utilização com a comunidade, durante a realização das aulas. Essa não é uma situação incomum, eu mesma já vivenciei essa mesma problemática, atuando em uma outra escola municipal.

Souto et al. (2021) estudando as dificuldades e limitações relacionadas a infraestrutura nas aulas de Educação Física na visão dos professores, concluíram que apesar da estrutura física estar longe de ser adequada os professores utilizavam-se da criatividade e inovação ao planejar e adaptar as aulas conforme a realidade estrutural da escola. Os autores enfatizaram que está prática ocorria a fim de evitar prejuízos maiores ao aprendizado dos escolares e o atendimento dos objetivos da Educação Física no contexto escolar.

Com base nestes dados da literatura fica claro que o problema de infraestrutura, existente, em condições precárias ou insuficientes para as aulas de Educação Física é histórico e interfere na motivação dos alunos e no

desenvolvimento das atividades por parte dos professores. Tal fato é alertado a tempo em nossa área, como coloca Rangel-Betti (1995) que as condições materiais e de infraestrutura nas escolas públicas para as aulas de Educação Física são lamentáveis e faz a seguinte comparação: seria como os professores fossem ministrar aula num quadro negro arrebitado, pisando num chão irregular com carteiras se equilibrando em buracos, sem giz, livros, cadernos e canetas. Porém, a autora apresenta uma contradição para refletir, visto que ao concluir seu estudo, afirma que apesar de todas as deficiências enfrentadas pela Educação Física na escola, os alunos relataram que sentem prazer em participar das aulas.

Souza e Portela (2000) estudando os problemas que os professores enfrentam e dificultam sua prática pedagógica surge em primeiro lugar a falta de recursos e investimentos em infraestrutura e materiais que influenciam nas condições de trabalho nas aulas. Os autores concluíram que maioria dos problemas estão relacionados ao setor sociopolítico e econômico, difícil de serem resolvidos e, portanto, a necessidade que os atores da escola devem refletir e planejar ações dentro e fora do contexto escolar, pois é no setor político que se encontram as soluções de que necessita.

Tal perspectiva vai de encontro a TBDH que as mudanças necessárias no microssistema, em nosso caso infraestrutura para as aulas de Educação Física dependem de decisões em nível macrossistema (Bronfenbrenner, 1996). Oliveira, Castro e Pacheco (2013) consideram que a TBDH pode contribuir para o entendimento das condições do desenvolvimento no contexto escolar, visto que é no ambiente escolar que as crianças vivenciam boa parte de tempo de suas vidas e que este pode ser favorável, ou não, dependendo das condições física, materiais e as relações que são estabelecidas entre as pessoas nos diferentes conteúdos nas disciplinas em um determinado período.

Assim, entendendo que ainda hoje as condições de infraestrutura interferem no planejamento e aplicação das aulas de Educação Física no contexto escolar é que planejamos verificar na visão dos participantes da escola, professores e administradores como tal fato está sendo enfrentado e superado no dia a dia das aulas.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de pesquisa

Esse estudo é qualitativo, pois, assim como destaca Marconi e Lakatos (2022) “o estudo qualitativo desenvolve-se numa situação natural, oferecendo riqueza de dados descritivos, bem como focalizando a realidade de forma complexa e contextualizada”. Como ressalta Ferreira em sua pesquisa, a análise qualitativa é essencial para o entendimento da realidade humana, pois dessa forma conseguimos saber sobre suas dificuldades, dores, diferentes realidades, comportamentos, sendo assim fundamental como suporte teórico (Ferreira, 2015, p.11). Nessa pesquisa foram realizadas entrevistas, registros de imagens e observações.

4.2 Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada no município de Pederneiras-SP, interior de São Paulo, em escolas da rede municipal de educação. A cidade conta com 10 escolas de ensino fundamental da rede municipal. Dentre essas, quatro escolas foram selecionadas para participar da pesquisa. O critério utilizado foi a localização geográfica, abrangendo as regiões: norte, sul, leste e oeste da cidade. Desta forma, obteve-se uma amostra da realidade quanto a estrutura física das escolas, de diferentes localizações do município.

Cada escola conta com pelo menos uma diretora e uma coordenadora (ou mais) e um ou mais professor de Educação Física. As unidades escolares atendem alunos de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental.

4.3 Participantes

Os participantes da pesquisa são os docentes da disciplina de Educação Física, das quatro escolas, sendo um professor das escolas 3 e 4, e dois professores das escolas 1 e 2, que serão identificados como: P1, P2, P3, P4,

P5 e P6, bem como a coordenadora pedagógica de cada unidade escolar (C1, C2, C3 e C4) e a atual secretária de educação municipal.

4.4 Materiais e Métodos

Observação direta

A fim de investigar a realidade das estruturas físicas das escolas, foram realizados observações, descrição e registros por meio de imagens dos espaços de quatro unidades de ensino da cidade (E1, E2, E3 e E4). A escolha das escolas foi realizada visando contemplar uma escola em cada região da cidade

Entrevistas

Para ouvir os relatos dos docentes, o método utilizado foi a entrevista semiestruturada, a qual permite maior autonomia para entrevistado e entrevistador, podendo ser adaptada algumas questões, para melhor aproveitamento do diálogo. Dessa forma, o roteiro da entrevista serviu para dar um norte, mas não engessou as respostas, como acontece com o questionário (Minayo, 2010).

A pesquisa continha questões visando investigar o que os professores pensam quanto a falta de espaço adequado para as aulas, quais as dificuldades enfrentadas por conta dessa problemática e quais as estratégias utilizadas por eles, para amenizar essa situação.

Ao entrevistar a gestão das escolas, o objetivo era descobrir a visão sobre o impacto nas aulas de Educação Física, diante da falta de espaço físico adequado, o que pensam a respeito e quais as estratégias adotadas por parte da gestão, para lidar com tal situação.

Foi também utilizado um questionário, com a secretária de educação do município, visando ouvir essa parcela do município, representando a gestão e suas ideias e ações quanto a problemática.

4.5 Procedimentos de análise

A partir das observações e registros realizados em cada unidade escolar e das entrevistas, as informações foram analisadas juntamente aos referenciais teóricos, buscando compreender os fenômenos e situações.

Foram criadas nuvens de palavras para respostas a algumas questões, através do site: <https://wordart.com>. O site WordArt.com é um gerador de nuvem de palavras online. Esse recurso permite a visualização dos termos que aparecem com maior frequência nas respostas.

Em relação a utilização da TBDH trataremos o microssistema como a infraestrutura para as aulas de Educação Física fator determinante para as aulas do professor e possíveis adaptações conforme análise das entrevistas. Mesossistema seria a coordenação da escola e sua opinião sobre os espaços para a Educação Física Escolar. Participante do Exossistema será a Secretária da Educação que não participa efetivamente dos espaços, mas, em muitas situações determina como será construído e libera recursos para adaptações. O Macrossistema seria as leis gerais que estabelecem a Educação Física e que define a necessidade de garantir condições para que os objetivos educacionais sejam alcançados.

5. Resultados e Discussão

5.1 Ambiente escolar e espaços utilizados para as aulas de Educação Física

Os alunos passam boa parte do dia no ambiente escolar, em duas unidades dessa pesquisa, o ensino é integral, o que significa de 8 a 9 horas dentro da escola. Como visto nesse estudo, o ambiente é de total relevância para formação e aprendizado. Sendo assim, como é a arquitetura e os ambientes das quatro escolas analisados neste estudo?

Pude observar algumas semelhanças entre as escolas, as quatro tem a arquitetura mais aberta sem grades, em comparação com escolas estaduais em que já estive. Tem aspecto mais novo, possuem jardim e iluminação solar, mesmo que em partes. A seguir, descreverei os espaços físicos, de cada unidade escolar visitada.

a) Escola 1

A unidade encontra-se em um bairro periférico, próximo a uma mata e a rodovia. Foi inaugurada no ano de 2016, portanto é uma construção relativamente nova com 7 anos de uso, tem a capacidade de atender 200 alunos, em média de 20 a 25 alunos por sala. São seis turmas em dois períodos.

Tem como característica uma arquitetura de “plano aberto”, ou seja, sem corredores ou pátios fechados, ao adentrar pelo portão da frente, é possível visualizá-la quase que por inteira. A escola é cercada por muros, porém dentro dela, não há portões ou grades separando os ambientes. É uma escola repleta de gramado e jardins.

Possui 6 salas de aula, uma biblioteca pequena, uma sala de informática, sala da direção e coordenação, sala da secretaria, sala dos professores, cozinha, refeitório acoplado ao pátio. É um padrão de uma escola considerada pequena.

Porém, o que chama a atenção, é a inexistência de uma quadra. Abaixo, uma Imagem 3 ilustra as disposições da escola. Os espaços circulado em vermelho, representam os espaços em que ocorrem as aulas de Educação Física para os alunos.

Figura 3 - planta da escola 1



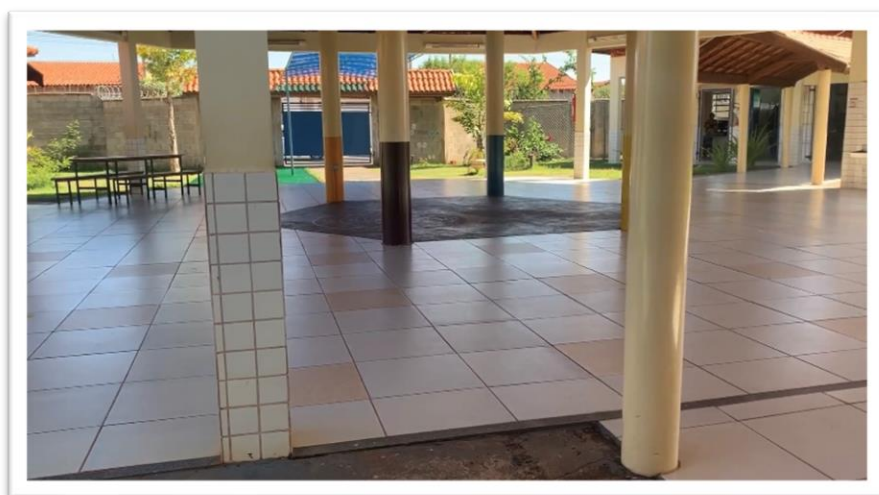
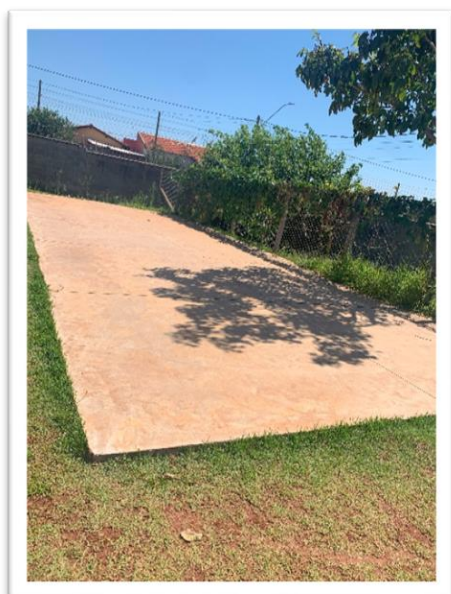
Fonte: a
autora

Os ambientes utilizados pelos professores de Educação Física são: a) um pátio/refeitório coberto em formato hexagonal, com vários pilares; b) um retângulo cimentado ao fundo da sala da direção, um espaço relativamente pequeno e sem cobertura. Em uma extremidade da escola encontrava-se um parquinho, área gramada que era o momento de recreação para as crianças que privilegiava o movimento, porém pouco explorado nas aulas de Educação Física.

O espaço utilizado com maior frequência é o pátio, esse não é um espaço exclusivo de uso da Educação Física, é um espaço de circulação de pessoas, bem como é o mesmo utilizado para o horário do recreio.

Nessa escola, o que chama a atenção, é que diariamente esse pátio é lavado no horário da primeira aula da manhã, dessa forma, a professora não pode utilizar para a aula. O segundo espaço utilizado para as aulas, é um retângulo cimentado, bem pequeno, esse não possui cobertura, apenas a sombra pequena de uma única árvore. No período da manhã, bate sol durante todo o tempo e quando ocorre chuva fica inviável a realização de aulas práticas.

Figura 4 - espaço cimentado sem cobertura; Figura 5 - gramado e parquinho; Figura 6 - pátio hexagonal com pilares



Fonte: a autora

Observando os espaços pelas imagens e presencialmente verificamos que estes não são adequados a prática das aulas, tanto em sua dimensão para comportar no mínimo 20 alunos, como também pelas condições de infraestrutura. Se no pátio temos a cobertura, os pilares atrapalham a locomoção das crianças durante as atividades, além disso, é o local as crianças realizam o lanche e o recreio, que quando ocorre cria problemas na dinâmica das aulas de Educação Física ou até mesmo interrompe a mesma.

Por outro lado, na parte cimentada dependendo do horário o sol dificulta, por exemplo, as crianças sentarem e realizarem diferentes tipos de exercícios. Tanto em um como no outro espaço o profissional de Educação Física necessita adequar as atividades a esta realidade, onde em muitas situações interfere na vivência completa dos conteúdos que compõe a cultura corporal de movimento para este período escolar.

b) Escola 2

Essa é a maior escola, dentre as quatro visitadas, encontra-se também em bairro periférico, em frente a uma rodovia. Foi construída em 1988 e doado pelo governo do Estado ao Município. Portanto, verificamos diferença significativa no formato da arquitetura da escola em relação as outras observadas.

O prédio é todo murado em seu entorno. Possui mais do que o dobro de salas de aula e é o maior terreno também. Nesta escola verificamos que 420 alunos estão matriculados nas diferentes séries.

Possui alguns jardins, mas não gramados, como nas demais escolas. É composta por 24 salas de aulas, sala de informática, sala de dança, sala da secretaria, sala da direção, sala da condenação, almoxarifado, sala dos professores, refeitório, estacionamento para professores e funcionários, pátio coberto e quadra coberta com banheiros. A Imagem 7 apresenta o formato da escola e em destaque encontra-se os espaços destinados as aulas de Educação Física.

Figura 7 - planta da escola 2



Fonte: a autora

A partir desta descrição destacamos que essa escola possui uma quadra coberta poliesportiva, de tamanho médio de 14m de largura por 28m de comprimento, onde estão pintadas as demarcações dos esportes tradicionais e cercada com alambrado, com banheiros feminino e masculino e uma salinha onde ficam armazenados os materiais de Educação Física.

Ficou evidente na arquitetura da escola que a área da Educação Física foi priorizada e determinado onde deveriam ocorrer as aulas de Educação

Física nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Por ser coberta, não tem problemas com sol, porém foi relatado problemas de goteiras quando chove. Além disso, pelo número de salas de aula em vários momentos ocorrem aulas simultâneas neste espaço, bem como, é necessário utilizar outros espaços na escola para que as aulas ocorram no horário regular.

O pátio também é utilizado para as aulas, é coberto, em formato retangular, é relativamente espaçoso, porém possui madeiramento baixo, podendo possivelmente bater alguns materiais, dependendo da atividade. Possui também uma área de jardim, o chão é cimentado, tem a sombra de algumas árvores e bancos de madeira que em muitas situações pode ser uma alternativa para as aulas. Estes espaços foram registrados em foto e estão apresentadas nas Imagens 8, 9, 10 abaixo.

Figura 8 - Quadra coberta





Figura 9 - Pátio coberto; Figura 10 - jardim

Fonte: a autora

c) Escola 3

Essa escola fica próxima à entrada principal da cidade e dentre as visitadas, fica localizado no bairro menos carente. Esta Unidade escolar foi inaugurada em 2012, portanto possui 11 anos. Atende cerca de 250 alunos e não ocorre em tempo integral

A unidade, é a que possui o plano menos aberto, é parcialmente murada e parcialmente dividida internamente com alambrados. Os corredores são mais fechados e com menor iluminação solar.

Possui uma parte gramada que fica no entorno da escola. Tem o aspecto de ambiente novo, bem conservado e limpo. Possui 9 salas de aula, uma sala que é de professores e biblioteca simultaneamente, uma sala de direção e coordenação e sala da secretaria. O pátio ao lado do refeitório é utilizado também como quadra. Ao fundo de um dos blocos das salas de aula possui um parquinho no gramado. Na Imagem 11 abaixo, estão apresentados os espaços descritos e circulado em vermelho onde ocorrem as aulas de Educação Física.

Figura 11 - Planta da escola 3



Fonte: a autora

O pátio, é utilizado como quadra nas aulas de Educação Física. Podemos afirmar que é uma “mini-quadra” pintada com algumas linhas imitando uma quadra de fut-sal e handebol e é um espaço coberto.

Para os leigos na área é possível pensar que a escola tem quadra, porém, é um pátio pintado, mas possui uma área livre interessante para as aulas. Porém, aí que observamos a adaptação, é o espaço utilizado para o recreio dos alunos. Ao fundo das salas de aula, existe um espaço cimentado, descoberto que quando ocorre o recreio as atividades de Educação Física mais uma vez são deslocadas deste espaço, o que também não deve ocorrer

quando está chovendo. Abaixo estão apresentadas as Imagens 12 e 13 que refletem as condições descritas.

Figura 12 - Espaço destinados à Educação Física da Escola (pátio coberto); Figura 13 - Espaço destinados à Educação Física da Escola



d) Escola 4

A unidade escolar fica também localizada em um bairro periférico, possui um terreno amplo e foi construída a partir da mesma planta da E1, dessa forma, possui também o plano aberto e é totalmente murada. Foi inaugurada em 2017 é a construção mais recente com apenas 6 anos de utilização. É uma escola de tempo integral e possui em média de 220 alunos.

Ao adentrar é possível ver o jardim e o gramado, que cercam toda a escola. Ela possui 10 salas de aula, sala de dança, sala de informática, sala da direção, coordenação e secretaria, sala dos professores, cozinha e pátio em

formato hexagonal. Na imagem 14 está demonstrada a disposição da escola e circundado em vermelho são apresentados os espaços destinados as aulas de Educação Física.

Figura 14 - planta da escola 4



Fonte: a autora

Esse pátio, que possui diversos pilares, é o principal local utilizado para a realização das aulas de Educação Física. O espaço possui cobertura, é o mesmo local utilizado para os recreios e para o horário de almoço, possui mesas e bancos.

Ainda, foi cimentado um espaço atrás das salas de aula, sem cobertura, que também é utilizado para as aulas de Educação Física. Nesse local, o sol bate forte no período da tarde, a partir do meio-dia. Os espaços gramados são usados com menos frequência para as aulas, mas também são uma alternativa, esses não possuem coberturas ou sombra de árvores. Algumas dessas características podem ser vistas nas imagens 15, 16, 17 e 18.

Figura 15 – pátio; Figura 16 – gramado; Figura 17 - espaço cimentado; Figura 18 - espaço cimentado da escola



Uma observação feita pelo espaço das escolas observamos alguns itens que nos remete a preocupação arquitetônica para que seja garantida a inclusão de crianças com deficiência. De uma forma geral, as escolas foram projetadas e construídas dentro de um terreno plano, utilizando em alguns locais de rampas para transição dos diferentes espaços, em especial, entre as salas de aula, pátio, banheiros e refeitório.

Existem também, corrimões nos poucos locais inclinados, porém, fica evidente que não foram feitos na arquitetura inicial e sim adaptados posteriormente. Porém, estes requisitos atendiam parcialmente um grupo de PCD e não os diferentes tipos de deficientes que podem ser incluídos no contexto escolar.

Além disso, em especial na escola 1 ao redor do pátio, local destinado a aula de Educação física é possível verificar pedregulhos espalhados ao redor do piso na transição para área gramada o que é um obstáculo mesmo para a PCD com problemas locomotores. Damazio e Lima (2008) verificou em seu estudo dados semelhantes nas escolas visitadas por eles e que as adaptações no espaço físico, favorecendo a acessibilidade, foram sempre implementadas em reformas a partir de demandas que surgem na implementação do processo inclusivo.

Nas quatro escolas verificamos que algumas adaptações como bebedouros, banheiros, mesas para a merenda e carteiras mais baixas para atender à altura das crianças. Tal fato nos remete que neste aspecto os responsáveis pela construção e adequação de materiais nas unidades escolares seguiriam os preceitos da visão montessoriana, que planeja o ambiente dando autonomia para as crianças e possibilitando que consigam fazer tudo sozinha, explorando e brincar livremente pelo ambiente, conforme previa o estudo de Oliveira e Lima (2021).

Fica evidente que a arquitetura é definida por pessoas externas ambiente escolar. Estas pessoas como previsto na TBDH compõe o Macrossistema e o Exossistema, que não vivenciam este espaço no dia a dia, mas que planejam, liberam recursos e investem na infraestrutura criando um ambiente adequado as características das crianças e favorecendo positivamente o desenvolvimento das atividades neste meio (Bronfenbrenner,

1996; Bhering; Sarkis, 2009; Benetti Et Al., 2013; Conzatti; Davoglio, 2017; Zaatari; Maalouf, 2022).

Em contradição, em três das Unidades de Ensino não encontramos delimitado e nem adaptado a faixa etária e a PCD, um espaço planejado e adequado que configurasse a “sala de aula” para as aulas de Educação Física, ou seja não tinham uma quadra. Dados semelhantes foram encontrados nos trabalhos de Damazio e Silva (2008), Canestraro (2008), Sousa (2018), Ferreira Neto (2021), Barcelos e Martins (2020) e Souto et al. (2021).

Zilianie Sebastián-Heredero (2021) consideram que as Leis que estão em vigor no Brasil há décadas garantem espaços adequados com normas técnicas para construção e adequação dos espaços. Os autores defendem que o espaço escolar é um todo, e não pode ser dividido e construído em partes. A estrutura do espaço escolar garante as práticas pedagógicas das diferentes disciplinas que define a qualidade da educação.

O fato de encontrarmos ambientes diferentes pode ser explicado segundo Almeida (2016) porque a concepção do espaço escolar e dos conhecimentos a serem priorizados e ensinados dependem da política federal, estadual e municipal em vigor em determinada época. A TBDH humano explica diferentes espaços que a pessoa em desenvolvimento vivencia depende das características sociais, étnicas e políticas que em uma determinada sociedade prevalece por um período (Yanes; Juliano, 2010).

Zaatari e Maalouf (2022) estudando as variáveis do contexto escolar que potencializa a criança desenvolver o sentimento de pertencimento a escola e se sentir motivada a vivenciá-lo em todas as disciplinas é a estrutura física e o espaço para desenvolver suas atividades. Desta forma, não ter a quadra ou um espaço estabelecido especificamente para as aulas de Educação Física pode desestimular as crianças a participação.

Dentre as escolas observadas, apenas uma (E2), possui um local construído com a finalidade de ser espaço destinado as aulas de Educação Física, que é uma quadra coberta. Tenório et al. (2012) verificou que escolas que possuíam a estrutura física para as aulas de Educação Física Escolar, quadra coberta, em bom estado de conservação, possibilita melhores condições didático-pedagógicas ao professor. Um espaço adequado para as aulas segundo Sousa (2018) amplia as vivências práticas dos alunos em busca

de adquirir a cultural corporal de movimento, como objetivado neste nível de ensino.

As outras três unidades E1, E2, E3 não dispõem de um local destinado especificamente para a Educação Física, apenas espaços adaptados e/ou reformados como um espaço cimentado, a pintura das linhas de quadra no pátio da escola, área verde utilizada para algumas atividades. As adaptações para realização das aulas de Educação Física no sistema escolar aparecem em vários estudos Damazio e Silva (2008), Canestraro (2008), Tenório et al. (2012), Souto et al. (2021).

Santiago e Souza (2018) e Silva et al. (2021) colocam que a ausência ou limitação na infraestrutura e recursos nas aulas de Educação Física trazem prejuízo na aplicação dos conteúdos, pois limitam os professores a ministrarem aulas de forma improvisada e/ou adaptada, e que mesmo assim, torna-se difícil o trabalho com o conteúdo como: as lutas, ginástica e dança, que são práticas de grande importância para os alunos. Ainda para os autores, tais fatos tornam as aulas desinteressantes e levam os alunos a perderem a motivação para as aulas, o que acabam sendo desestimulantes tanto para os alunos quanto para os professores, contribuindo dessa forma, para o afastamento e a não participação dos alunos nas aulas de Educação Física.

Já para Carvalho, Barcelos e Martins (2020) além do desconforto dos docentes e discentes com a falta de infraestrutura as adaptações ou falha na infraestrutura podem colocar em risco a integridade física dos escolares.

Souto et al. (2021) valoriza a postura dos professores que mesmo com uma infraestrutura deficitária utilizam-se da criatividade e inovação em planejar e adaptar as aulas a realidade da escola minimizando os prejuízos ao aprendizado dos alunos. Porém, reafirma Damazio e Silva (2008), o poder público não pode utilizar a criatividade dos professores como política educacional, deve sim propor investimentos e liberação de recursos para melhorar a infraestrutura das escolas e garantir uma educação de qualidade, em nosso caso, aulas de Educação Física de qualidade.

5.2 Características e respostas dos Professores a entrevista

Foram entrevistados 6 professores e professoras (2 homens e 4 mulheres), das escolas municipais da cidade, chamarei eles de P1 e P2 (Escola 1), P3 e P4 (Escola 2), P5 (Escola 3) e P6 (Escola 4). Todos os docentes têm formação em Licenciatura em Educação Física. Abaixo a Tabela 1 apresenta a formação dos professores e o tempo de atuação nas escolas.

Em relação a formação, fica evidente que a cidade segue a Lei 9.696 (BRASIL, 1998) que dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e entende-se que tal componente curricular no contexto escolar deve ser ministrada por professor especialista e devidamente registrado. Em nosso caso 100% dos participantes são formados na área de Educação Física.

Tabela 1 - Dados sobre os professores participantes da pesquisa

<i>Professor(a)</i>	<i>Formação</i>	<i>Tempo de atuação em escolas</i>
<i>P1</i>	Educação Física	11 anos
<i>P2</i>	Educação Física	7 anos
<i>P3</i>	Educação Física	6 anos
<i>P4</i>	Educação Física	3 anos
<i>P5</i>	Educação Física	13 anos
<i>P6</i>	Educação Física	9 anos

Fonte: a autora

Constatação importante, visto que, Impolcetto e Darido (2020) relataram em seu estudo que esta legislação ainda não foi totalmente implementada, e ainda encontramos atualmente cidades que possuem o Professor Polivalente ministrando os conteúdos de Educação Física no início do Ensino Fundamental. O professor especialista responsável por este conteúdo tem formação específica na área e é o mais indicado para o planejamento do espaço, material, conteúdo

e ministrar as atividades como defendido nos estudos de Souza et.al. (2019), Vieira et al. (2020) e Freires et al. (2022).

Em relação ao tempo de atuação dos professores nas escolas municipais verificamos que os professores permanecem atuando em média 8,1 anos na rede municipal de educação em análise. Porém, encontramos a P5 com 13 anos de atuação e P4 com 3 anos, ou seja, diferenças importantes na vivência do contexto do município. Este tempo de atuação torna-se importante para demonstrar que os professores já estão familiarizados com as condições da rede municipal, tiveram tempo para verificar possíveis problemas estruturais nas escolas que atuam, já ter reivindicado melhores condições de trabalho e vivenciaram adaptações, soluções ou convivem ainda com estruturas precárias para aulas.

Yunes e Juliano (2010) argumenta com base na TBDH que acompanhar as mudanças políticas e sociais em um determinado período é fundamental para analisarmos a realidade que encontramos no contexto ambiental que analisaremos. Desta forma, podemos inferir o que provocou a realidade atual, por exemplo nas escolas, desde a sua construção a definição dos espaços para as aulas e as mudanças que foram solicitadas e realizadas para melhorar as condições de trabalho. Por outro lado, como nos apresenta Souza et al. (2019) encontramos profissionais no contexto escolar que fica acomodado e sem interesse e vontade de resolver os problemas que surgem na dinâmica do processo pedagógico nas aulas de Educação Física.

Utilizando do recurso de nuvem de palavras a partir da fala dos professores, iremos analisar as respostas das perguntas feitas aos participantes. Ao questionar aos professores “O que você acha da arquitetura da escola como um todo?” Obtivemos diferentes respostas que está demonstrada visualmente na figura 19 a nuvem de palavras foi formada destacando as que mais surgiram nas respostas.

Nas duas primeiras falas, mesmo a pergunta sendo referente a infraestrutura geral, chama a atenção que elas citam a falta de uma quadra ou espaço destinado a Educação Física. Os autores Assis, Moreira e Fornasier (2021) baseados na TBDH colocam que os participantes de um microssistema sofrem fortes influências dos processos proximais que eles vivenciam em seu dia a dia, ou seja, o contato com as pessoas próximas, as atividades desenvolvidas e o ambiente físico vivenciado. Então é esperado que eles comentem em outros mesossistemas que participam as características que eles incorporam no dia a dia.

Neste caso, os professores que sofrem com a falta de espaço para as aulas relataram esta deficiência logo no início da entrevista. A falta do espaço como já vimos, surgiu como um dos problemas mais apontados pelo professor nos estudos de Damazio e Lima (2008), Sá e Werle (2017), Tenório et al. (2018).

Já P4 que possui uma quadra na escola, focou em diversos problemas estruturais que a escola vem passando, incluindo problemas com o espaço da quadra que no relato dele quando chove alaga o espaço. Dados semelhantes foi encontrado no estudo Damazio e Silva (2008), onde parte das escolas tinha estruturas precárias e que necessitava de reparos.

Chama atenção ainda o relato do professor que os investimentos que ocorreram ao longo do tempo não resolviam o problema estrutural, mas sim de forma parcial fazendo “puxadinhos” o que compromete a infraestrutura de qualidade. Como já apontado por Oliveira e Lima (2021) a infraestrutura de uma escola a partir de projetos adequados é fundamental para potencializar o processo ensino aprendizagem. Para tanto reforçamos a visão de Sousa (2018) de ampliar o investimento públicos no sistema escolar priorizando sua estrutura física.

A seguir, na figura 20, está representada a nuvem de palavras referente a pergunta 6 “O que você pensa desses espaços para a realização das aulas de Educação Física?”

No período da manhã, que está fresquinho, que não tem sol, é um lugar legal para fazer aula de Educação Física. Mas já chega depois das dez e já fica meio insuportável dar aula lá. E no pátio, que dá para fazer aula também, tem vários recreios na nossa escola. Então, tem hora que bate o intervalo, bate bem no meio da aula. Então, tem que parar no meio da aula e procurar outro espaço. (P6)

São Boas. (P4)

Na fala da P2 reforça que a quadra seria o espaço ideal e quando P4 responde que são boas é porque ele ministra aula na escola que tem a quadra coberta. Assim, parece ser cultural e determinado durante as últimas décadas a ideia de que o espaço da Educação Física na Escola deveria ser a quadra. Remonte (2014) observou que a visão esportivista/competitivista prevaleceu e ainda prevalece como uma das vertentes que a Educação Física escolar deve desenvolver no contexto escolar o que justificaria ter uma quadra poliesportiva.

Quando P4 afirma ser boa devido ter o espaço da quadra, sua resposta pode estar pautada na sua formação acadêmica, onde ainda, em muitos cursos, a visão do esporte como fator preponderante nos cursos prevalece. Freire, Venditti Júnior e Prado Junior (2023) quando estudam o estágio docente, percebem que uma visão esportivista e valorizando o desempenho persiste na concepção dos estudantes de Educação Física, o que, na visão dos autores interfere numa visão inclusiva da Educação Física nos diferentes contextos de atuação do profissional. Teixeira, Soares e Ferreira (2018) argumentam que muitos problemas do contexto escolar são tratados superficialmente em algumas disciplinas da formação, sem que o futuro profissional conviva com a realidade concreta para buscar soluções dos problemas como a falta de infraestrutura, recursos materiais e diversidade de conteúdos necessários para os escolares.

Foi questionado aos professores sobre possíveis adaptações necessárias das atividades, diante da realidade dos espaços disponíveis. Ainda, como é adaptar as diferentes temáticas da cultura corporal de movimento que a BNCC propõe, para a sua estrutura. A seguir coloco trechos das respostas obtidas.

Por exemplo, eu não consigo dar uma aula de basquete como eu deveria dar. Eu não tenho uma tabela, eu não tenho as linhas do

basquete, futebol. Eu tenho um retângulo, mas eu não tenho as linhas do futebol, de pênalti. Pedi por um ofício um ônibus, para eu colocar meus alunos no ônibus e levar lá no ginásio para eles conhecerem uma quadra. (P1)

Se não fizer adaptação eu não consigo dar aula. Por exemplo, se eu for dar futebol, para o quinto ano eu tenho que colocar meia quadra, faço golzinho e passo a atividade, porque a quadra inteira não tem como usar por conta da quantidade de professores. Já usei o jardim, já usei o pátio, o corredor, a gente usou praticamente todos os lugares da escola. (P3)

Algo que ficou evidente nas respostas foi, a frequência de citações a respeito dos esportes. Principalmente nessa categoria sobre as adaptações que são por eles realizadas.

Eu acabo adaptando, trabalhando jogos onde eu vou conseguir inserir, pelo menos, na vida das crianças, as habilidades necessárias para aqueles esportes. Eu faço jogos dos 10 passes, eu faço muito carimba-ameba, que também tem os arremessos, o agarrar. Atletismo, eu vim com eles aqui no gramado, aqui no fundo, é um gramado que pega a escola toda, fiz a corrida de 50 metros. (P1)

Na parte de luta, contato mesmo, é muito teórico, pouca prática, porque não tem um tatame, o tatame que tem é na sala de dança e é difícil conseguir usar porque tem aula de dança todos os dias. Então a gente consegue trabalhar, mas é bem limitado, é bem superficial. (P3)

Por exemplo, lutas. Lutas dá para trabalhar na sala. (...) Atividades com jogos, assim, que envolvam bola. Aí já é difícil trabalhar na sala de aula. Não é impossível, mas aí já tem que partir para a quadra mesmo. Golbol, dá para fazer. Claro que é um espaço menor, mas dá para fazer. Você venda, aí você faz uma repartição na sala de aula. (P4)

Esses relatos refletem a forma com que os professores, ainda influenciados pela concepção esportivista, trabalham. Essa ideia das décadas de 60 e 70, de que a Educação Física é bastante atrelada aos esportes mais tradicionais como vôlei, futebol (futsal) e basquete, parece não ter sido superada quando analisamos o discurso dos professores (DARIDO, 2012; GONZALEZ, 2020).

Fica evidente nas falas que constantemente realizam adaptações partir de sua criatividade e iniciativa devido à falta de estrutura física, o que compromete o desenvolvimento de conteúdos interferindo na obtenção dos objetivos educacionais para a área. Dados semelhantes estão reportado na

literatura nos estudos de Rangel-Betti (1995), Canestraro (2008), Damazio e Lima (2008), Tenório et al. (2012), Sá e Werle (2017), Carvalho, Barcelos e Martins (2020), Souto et al. (2021).

Os professores ainda relataram neste processo de adaptação a influência positiva ou negativa das características da infraestrutura física do espaço que possuem:

Rede de vôlei, adapto pendurando na janela, onde coloca do gás, então assim, não fica do jeito certinho, não fica reto, não tem a quadra de vôlei. (P5)

O problema é que quando você vai fazer uma aula ampla, igual a parte de esporte, já é meio complicado, porque não tem um espaço adequado que você consiga. Mas, assim, a parte de dança, luta, você consegue fazer com umas brincadeiras nesse espaço reduzido. (P6)

Quando eu trabalhei dança, por exemplo, eu fiz a amarelinha africana com eles, né? Dança eu ensaio tudo no pátio, a gente dança bastante no pátio. Fiz a amarelinha africana e aí eu fiz as riscas com fita crepe, nas divisões dos pisos. Cada piso era um quadradinho da amarelinha. (P1)

Ao mesmo tempo, alguns docentes relatam o empenho em desenvolver outras temáticas, previstas pela BNCC, que não só os esportes tradicionais, como dança, lutas e jogos, mesmo que em alguns casos enfrentem dificuldades por conta da estrutura e espaço. Reforça a ideia dos Estudos de Souto et al. (2021) que os professores utilizam da criatividade e da adaptação do espaço a fim de conseguir estimular o desenvolvimento dos alunos. Carvalho, Barcelos e Martins (2020) também relatam a importância da adaptação das atividades para a aplicação das aulas. Canestraro (2008) relaciona que apesar da adaptação alguns conteúdos podem ser difíceis de serem implementados. Assim como na visão de Damazio e Silva:

[...] as condições materiais (instalações, material didático, espaço físico) interferem de modo significativo nos trabalhos pedagógicos. Os esforços dos professores, por mais criativos que sejam e diante dos mais belos ideais educativos, podem fracassar, caso não encontrem espaços e condições materiais para concretização de seus planos de trabalho. DAMAZIO E SILVA (2008, p.193).

A seguir, foi questionado aos professores: Se você pudesse planejar um espaço físico/infraestrutura para a Educação Física nessa escola, como seria? A partir das respostas foi possível gerar a seguinte nuvem de palavras apresentada na Figura 21.

Figura 21 - Nuvem de palavras referente a pergunta 11



Fonte: a autora

Pode-se observar bem ao centro da imagem a palavra QUADRA em destaque, seguida de COBERTA e MAIOR. Essas respostas nos dá uma ideia do que os docentes desejam para a escola. Uma estrutura de quadra, que seja coberta e maior do que o espaço que eles têm disponível atualmente.

Em seu estudo, Viana et al. (2020) pesquisou as condições adequadas das quadras de esporte pelas escolas do Brasil. O autor ressalta que a quadra não é um local vazio, é local que possibilita a expressão de conhecimento, tudo a sua volta são recursos que servem para educar, socializar e introduzir práticas e modos de vida.

Algumas falas dos professores ressaltam este aspecto, conforme o P2 e P3 nos relatam:

Seria uma quadra coberta. Uma quadra coberta, com as demarcações das linhas, tanto da linha de futsal, com a de handball, a de vôlei e as cestas de basquete, os aros. (P2)

Nesta escola, especificamente, duas quadras, um pátio maior, separado desse pátio do intervalo, porque quando tem o intervalo dos outros anos acaba atrapalhando. Se você está no pátio, você tem que

voltar para a sala. Então, pelo menos duas quadras e um espaço maior no pátio para você conseguir se dividir. (P3)

Eu gostaria, que fizessem essa, mesmo que for uma miniquadra (...) o pátio ser liberado, os alunos terem um espaço maior do recreio, porque acaba atrapalhando para eles também. (P5)

Seria um ginásio, tudo fechado, com banheiro masculino e feminino e um bebedouro de água. E uma sala só para guardar o material de educação física, onde ninguém tem acesso, só os professores. (P6)

A visão da quadra coberta e equipada já está incutida no pensamento dos professores, mesmo atuando no Ensino Fundamental nos anos iniciais. Primeiramente porque este é o espaço que muitas vezes vivenciaram durante o seu processo de formação. Provavelmente, porque consideram um espaço amplo, onde comportar desenvolver diferentes conteúdos previstos para a Educação Física e visto como a sala de aula de Educação Física, isolado do restante da estrutura escolar e que não sofre influências dos demais ambientes. Tenório et al. (2018) considera que esta seria a infraestrutura ideal para que a Educação Física consiga desempenhar o seu papel dentro do contexto escolar.

O que chama a atenção nas falas referentes a pergunta 11 e em respostas anteriores, é que por diversas vezes aparecem citações a respeito do recreio dos alunos e a forma como isso atrapalha de forma mútua. Ou seja, os alunos que estão no recreio não podem utilizar o pátio de forma plena, caso a aula ocorra ali no mesmo horário. Por outro lado, as aulas são diretamente prejudicadas pelo recreio, quando esse cai no mesmo horário e a aula precisa ser interrompida, necessitando professor e alunos se dirigirem para algum outro espaço disponível da escola. Dados semelhantes são relatados no estudo de Damazio e Lima (2018).

Ainda outras palavras que aparecem na nuvem de palavras são LINHA, FUTSAL, VOLEI, HANDBALL e AROS, destacando também nessa questão a preocupação com o trabalho envolvendo os esportes. Outro aspecto citado por P6, em sua idealização de um ambiente para aulas, foi a estrutura de um ginásio contendo banheiros, bebedouro e local para armazenar os materiais. O que parece tão distante da realidade dessas escolas visitadas, não passa do

mínimo de infraestrutura para a realização de atividades físicas. Ou seja, local para se hidratar, banheiro próximo e materiais devidamente organizados, um espaço que seja suficientemente adequado para diversas práticas corporais, conforme relata Moreira (2015).

5.3 Características e respostas das Coordenadoras na entrevista

Dentre as quatro coordenadoras participantes uma de cada escola foram descritas como C1, C2, C3 e C4. Na Tabela 2 estão descritas as respostas de cada Coordenadora sobre a formação e tempo na gestão. 100% são formadas em Pedagogia, pois é uma exigência para a ocupação do cargo no município. C2 e C3 relataram ainda, ter uma segunda formação, sendo em Educação Física e Artes respectivamente.

Tabela 2 – Dados sobre os coordenadores participantes da pesquisa.

<i>Coordenadora</i>	<i>Formação</i>	<i>Tempo na gestão da escola atual</i>
<i>C1</i>	Pedagogia	5 anos
<i>C2</i>	Pedagogia e Educação Física	9 anos
<i>C3</i>	Pedagogia e Artes	1 ano e meio
<i>C4</i>	Pedagogia	12 anos

Fonte: a autora

Um ponto de destaque positivo é que uma pessoa que está na área administrativa de uma das escolas também ser formada em Educação Física o que pode possibilitar melhor compreensão das demandas e necessidade da área e, portanto, ter influência no momento de definir prioridades para a melhoria da qualidade de ensino. Dado semelhante foi observado por Mozardo (2020) em seu estudo sobre turmas de Atividades Curriculares Desportivas, onde

encontrou pessoas no cargo de direção formadas na área que possuía melhor entendimento da Educação Física e apoio as demandas da área.

Quanto ao tempo na gestão na escola foi variado tendo uma coordenadora a 1 ano e meio (C3) sendo a de menor tempo no cargo. Já C4 relata que está a 12 anos no cargo, fica evidente que seu tempo de gestão é maior que a criação da sua escola, demonstrando já ter exercido a função em outra unidade de ensino.

A questão temporal é importante para que o profissional consiga entender a realidade, verificar suas deficiências e potencialidades e buscar estratégias para superá-las, visto que concordamos com Souza e Portela (2000) que a solução ou melhoria das condições depende, muitas vezes, de setores políticos externo ao ambiente escolar. Tal aspecto é reforçado na TBDH que preconiza que decisões tomadas no Macrossistema e Exossistema, mesmo que estas pessoas não participem diretamente dos ambientes escolares influenciam a dinâmica ali desenvolvida. A falta de recursos materiais e infraestrutura pode estimular ou interferir nas possibilidades de estímulos para a pessoa em desenvolvimento nas situações proximais em que o escolar em contato com o professor, amigos e as estruturas do ambiente busca se sentir pertencendo a esse espaço e incorporando as vivências no processo de desenvolvimento (Zaatari; Maalouf, 2022).

Foi questionado as coordenadoras o que pensam sobre a necessidade de adequações na estrutura física da escola para melhor atender as aulas de Educação Física e quais seriam elas. Ficou evidente que a gestão tem ciência do impacto da falta de estrutura adequada e que entende as dificuldades do dia a dia dos professores, como pode ser observado nos trechos a seguir da C2 e C4:

Desses espaços, apesar de não ser adequado, os professores eles se desdobram para que aconteça as atividades, mas está longe de ser adequado. Para atender como tem que ser as necessidades, seria necessária uma quadra, que seria o local apropriado, um espaço adequado para isso. (C4)

Ela tem o espaço para Educação Física, tem a quadra, porém tem mais professores do que o espaço físico. Então, assim, é três, quatro professores dando aula simultaneamente (...) a gente precisa de uma reforma da quadra que está, parece que para sair, parece que foi aprovada, mas a reforma é dentro desse espaço que a gente já tem. Não irá ampliar nada. (C2)

A resposta da coordenadora C4 representa aquelas escolas do estudo que não possuem um espaço específico, ela reafirma a necessidade de um espaço adequado. Zuliani e Sebastián-Heredero (2018) reafirmam que é previsto em lei que cabe aos entes estatais garantir as estruturas necessárias para o desenvolvimento de qualidade da prática profissional.

Se isto não vem ocorrendo cabe os atores (professores, alunos, pais, coordenadores, diretores) provocar os gestores da educação nos diferentes entes públicos (federal, estadual, municipal) para que garanta direitos iguais aos escolares e diminua as desigualdades sociais (Silva, et al., 2019; Zuliani e Sebastián-Heredero, 2018).

Fica evidente está diferenciação porque em outra unidade de ensino do sistema municipal existe o espaço específico como relata a C2, porém, insuficiente. A coordenadora demonstra a dependência de estruturas superiores para definir as reformas ou ampliação do espaço, mas reafirma que o que deverá acontecer é uma reforma no espaço existente que não resolverá o problema.

Tal perspectiva reafirma o modelo PPCT proposto pela TBDH para análise de um contexto ambiental como previsto pelos estudos Bhering e Sarkis (2009), Benetti et al. (2013), Conzatti; Davoglio (2017) e Zaatari e Maalouf (2022). As pessoas envolvidas professores e coordenadores - participantes do microssistema e mesossistema - vivenciam dificuldades no processo das aulas de Educação Física devido ao espaço não ser adequado, tentam interferir solicitando recursos para os gestores e secretários da Educação para adequar os espaços conforme está na legislação – componentes do exossistema e macrossistema - porém, ficam limitado aos recursos e tomada de decisões a partir da política educacional implementada no município.

Souza e Portela (2020) ressaltam que a resolução dos problemas passa por tomada de decisão sociopolítico visto que depende de investimento. Teixeira, Soares e Ferreira (2018) argumentam que a solução de qualquer problema no contexto escolar, inicia-se pelo diálogo e envolve: os alunos, pais, professores, gestores e se assim ocorrer aumenta a chance de ser resolvido.

Ao questionar “Como você enxerga a postura da Secretaria Municipal de Educação, em relação a falta de infraestrutura para a realização das aulas de

em andamento, o ano letivo, fica muito difícil a conquista dos demais espaços aí que a gente não tem. (C1)

Então eu acredito que eles até estejam tentando, assim como eles tentam as salas, mas que não depende deles, e a educação está meio jogada a escanteio faz um bom tempo. (C3)

Eles estão sempre dizendo que estão preocupados com isso, eles entendem que existe um prejuízo da parte das atividades físicas quando não se tem um espaço adequado, acredito que todas elas sabem disso, os gestores e tudo mais, porém vão colocando outras prioridades e isso acaba todo ano ficando para trás, infelizmente. (C4)

Nos chamam a atenção dois aspectos nestas falas, primeiro da C1 que questiona o porquê o espaço já não foi construído como deve e está previsto na lei, como nos argumenta Ziliani e Sebastián-Heredero (2021). Visto que, depois de construído fica difícil de tornar prioridade conforme a fala o espaço da Educação Física ou de reformas no sistema escolar conforme verificamos na fala da C2 e C4. Isto porque segundo a fala da C3, politicamente a Educação não é prioridade e as suas demandas são abandonadas nas administrações públicas, situação semelhante nos aponta Damazio e Lima (2008).

Outro apontamento que chama a atenção foi que, ao final das perguntas pré-elaboradas deixei livre para que falassem algum ponto para contribuir com a pesquisa, apenas uma coordenadora falou nesse momento, e ela disse sobre a percepção de descontentamento, por parte dos professores, diante a essa situação:

Eu acredito que os alunos não deixem de ter as aulas, as aulas acontecem, os professores acabam adequando o espaço que tem para fazer, mas eu acredito que seja um ponto, muitas vezes, de frustração para o professor de Educação Física não ter esse espaço, então existe o descontentamento em algumas situações, apesar da boa vontade, e isso também atrapalha, porque fica ruim tanto para os alunos quanto para o professor de educação física essa falta de espaço. (C4)

Só por esta constatação que é uma realidade os professores deveriam ter apoio da coordenação e direção escolar para as reivindicações de melhores condições de trabalho. O desânimo de professores e alunos no dia a dia das aulas de Educação Física devido à falta de infraestrutura foi relatado nos

estudos de Rangel-Betti (1995), Canestraro (2008), Damazio e Lima (2008) e Triane (2019), Sousa e Santiago (2018), Silva et al. (2021) e Souto et al. (2021).

6.2 Características e respostas da Secretária de Educação no questionário

Foi aplicado também um questionário com a Secretária de Educação Municipal que preferiu responder de forma escrita. Na tabela 3 abaixo está a resposta às questões sobre sua formação e tempo de atuação no cargo.

Tabela 2 - Resposta sobre a formação e tempo no cargo da Secretária de Educação do Município

<i>Secretária</i>	<i>Formação</i>	<i>Atuação no cargo</i>
S1	Licenciatura plena para o Magistério e pós-graduação em Gestão Escolar	Desde 2021

Nos surpreendeu a resposta sobre a formação ser em Licenciatura Plena para o Magistério que ao nosso ver é diferente de ser formado em Pedagogia. Porém, isto pode ocorrer na linha do tempo na evolução e mudanças na nomenclatura da área. A Secretária relata ainda a realização de um curso de Pós-Graduação em Gestão, fator essencial para quem assume este cargo dentro do Município, nos induzindo a afirmar que tenha conhecimento e formação para atuar.

Nos chama a atenção na data que iniciou no cargo ser desde 2021, já que, ocorreram eleições municipais no II semestre de 2020 e a posse de um

novo prefeito nas cidades ocorre exatamente no início de 2021. Nos faz perceber que este cargo é político e que dependendo do resultado da eleição pode ser alterado a cada novo pleito eleitoral, como nos parece que foi. Uma preocupação porque pode ser modificado a qualquer tempo, já que é cargo de confiança (político) e não pertencente a carreira de magistério municipal. Reforçamos aqui, a visão de Yunes e Juliano (2010) que alterações políticas, em um determinado período pode influenciar o processo de desenvolvimento de uma geração.

Foi questionado os possíveis motivos para algumas escolas não possuírem local próprio para as aulas de Educação Física e parte da resposta foi que:

Na BNCC, a Educação Física propõe (...) o currículo bem diversificado e as atividades a serem propostas podem e devem ser desenvolvidas em situações de ensino e espaços diversos. Todas as escolas possuem locais para realização de aulas de Educação Física se partirmos do princípio de que as aulas não necessitam ser desenvolvidas exclusivamente em quadras poliesportivas. A questão da existência ou não de quadra poliesportivas em alguns prédios escolares envolve uma trajetória histórica educacional.

A resposta escrita estava bem fundamentada e buscou justificar por parte da administração que para as aulas de Educação Física não é essencial e que pode ser adaptado os espaços. Por um lado, tirou a responsabilidade da administração e colocou sobre o professor além disso, argumenta que este problema no Município é histórico, ou seja, não de sua gestão. Mas quando será resolvido? Em todas as campanhas políticas Educação está sempre como prioridade, porém, na prática do dia a dia problemas históricos, como a falta de um espaço para as aulas de Educação Física, não vêm sendo resolvido comprometendo a dinâmica da prática dos professores.

Yunes e Juliano (2010) nos alerta que decisões políticas podem interferir no contexto ambiental por décadas e influenciar gerações inteiras que passam pelo microssistema sem as condições ideais. Damazio e Lima (2008) relembra que mudar esta realidade vai necessitar que os professores planejem em interferir politicamente neste processo visando consolidar a Educação Física no ensino básico.

adequado, essas não são contempladas. Este problema é levantado por Canestrado (2008) sobre a infraestrutura gerar frustração nos docentes, quando estes não conseguem desenvolver o rol de conteúdos previsto para esta área. Em nosso estudo os professores citaram que os espaços dentro de cada unidade escolar, não são suficientes para suprir as necessidades do dia a dia das aulas de Educação Física. Assim, concordamos com Souza et al. (2021) que o professor de Educação Física não deve desanimar diante dessa realidade, mas, utilizá-la para reivindicações pertinentes às melhorias nas condições de trabalho para obtenção através de sua prática atender os objetivos educacionais esperado.

Em seguida ela conta que algumas escolas utilizam do prédio de escolas estaduais e de que outras duas escolas (E1 e E4) foram construídas em convênio com o governo federal, com planta do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) que não oferta quadra poliesportiva para escolas de ensino fundamental I. Ora, se não oferta este tipo de construção não deveria ser priorizado visto que não irá atender as necessidades de todos os componentes escolares previsto para o desenvolvimento de uma educação de qualidade como nos apresenta Zuliani e Sebastián-Heredero (2021). Relacionando essa situação com a Teoria Bioecológica, é possível observar a forma como o macrossistema, nesse caso as políticas públicas e a verba para a Educação, influenciam no Microsistema, a escola, as aulas de Educação Física, e os espaços disponíveis (BRONFENBRENNER, 1996).

Em sua obra, Doris Kowaltowski, fala sobre a arquitetura escolar e como o “Projeto de construção” nesse caso, a define previamente: “o projeto de uma unidade escolar necessita contemplar o número de salas de aula e quais serão os outros ambientes de ensino, como, por exemplo, biblioteca, quadras, laboratórios etc., além de estabelecer as características desejadas a tais ambientes” (KOWALTOWSKI, 2011, p.62). Isso nos leva a observar a forma como o governo planeja e programa as escolas públicas, deixando de fora dos projetos arquitetônicos escolares, componentes curriculares como a Educação Física, só pode ser explicado de duas formas: a não valorização da área no contexto escolar ou que para população de baixa renda esta estrutura pública é

a possível, visto que, prioriza atender uma demanda maior, porém com baixo custo, conforme nos apresenta Damazio e Silva (2008).

Em seguida foi questionado sobre a influência da infraestrutura para a realização das aulas de Educação Física no desenvolvimento e aproveitamento dos alunos. A resposta a essa pergunta volta a citar que o planejamento deve ocorrer segundo a BNCC e que a diversidade de conteúdos a serem explorados por esse componente curricular:

Podendo ser adequados e adaptados aos espaços disponíveis. Isso não quer dizer que não há necessidade de espaços adequados, mas alerta que a quadra poliesportiva não é o único espaço a ser utilizado para desenvolvimento das aulas.

É interessante ressaltar novamente a citação de que a quadra não é o único local onde as aulas de Educação Física devem ocorrer e de que as aulas podem ser adaptadas conforme os espaços disponíveis. Mais uma vez, embora entenda que os espaços não são adequados tenta justificar o que existe no município e das possibilidades que este espaço permite. Corroborando com Damásio e Silva (2008) encarar a “criatividade” como uma forma de suprir as lacunas, é uma forma de banalizar o ato de criar e recriar a partir de um processo que deve reunir condições, materiais e trabalho sério. Desta forma, essa saída não pode ser encarada como uma política educacional que valoriza a área da Educação Física no contexto escolar

Por último, na questão 6: A Secretaria Municipal de Educação, pode atuar para resolver ou amenizar possíveis problemáticas quanto a infraestrutura? Como? Obtive a seguinte resposta:

A Secretaria de educação realiza planejamento anual para garantir manutenção dos prédios, reformas e ampliações, assim como construção de novos prédios de acordo com os recursos disponíveis e buscando parcerias com entes federados para execução de projetos. É estabelecido um cronograma de prioridades de acordo com as demandas e necessidades de cada unidade escolar e da rede como um todo.

Nesta resposta a gestora joga a responsabilidade nos atores de cada unidade de ensino é que seria o responsável pelas solicitações de melhoras na

infraestrutura. Além disso, apresenta os caminhos políticos para que ocorra a reivindicação de cada unidade escolar e da rede como um todo.

Uma proposta em conjunto poderia ser a construção de uma quadra ou um espaço equivalente com estrutura que permita as aulas acontecerem sem a intervenção de outros atores e nem dependendo das condições climáticas. Novamente aqui mostra que as mudanças são políticas administrativas (Macrossistema e Exossistema) mas que dependem de ações no microssistema (professores e diretores de cada unidade de ensino) conforme proposto na TBDH por Bronfenbrenner (1996). Reafirma a visão de Souza e Portela (2020) e Souto et al. (2021) que existe uma necessidade de reivindicação de melhores condições de infraestrutura para que a área de Educação Física seja priorizada e valorizada no contexto escolar.

Considerações finais

A partir do objetivo proposto, de observar, descrever e analisar a infraestrutura disponível para as aulas de Educação Física, foi possível notar as diferenças entre os ambientes existente no sistema escolar do Município de Pederneiras-SP. Em três, das quatro escolas participantes, não foi construído um local apropriado e destinado as aulas de Educação Física dentro da arquitetura das escolas, tendo que o professor realizar as atividades em espaços não apropriados o que com certeza dificulta o desenvolvimento dos conteúdos como um todo, interfere na dinâmica das aulas tendo que interromper aulas ou mudar de espaço de execução o que interfere na obtenção dos objetivos da área e reflete historicamente que esta área não foi priorizada e valorizada dentro do Ensino Fundamental.

Mais que isso, em um dos espaços observados existia uma quadra que mesmo insuficiente para a demanda escolar como relatado, cria condições diferenciadas dentro de um mesmo sistema de ensino gerando desigualdades de vivências corporais entre os escolares de uma mesma cidade. A adequação das disciplinas dentre diferentes contextos é esperada e estimulada no

processo de formação visando adequar as aulas a realidade de cada escola, porém, deveria ser princípio que todas as unidades escolares partissem de uma infraestrutura adequada como prevista na legislação.

Frente as diferenças no contexto ambiental observado em cada unidade escolar, foi relatado pelos docentes que as adaptações das atividades, para os espaços disponíveis, são constantes. Em uma das escolas, existe a quadra construída, com cobertura e tamanho adequado, porém, devido a quantidade de alunos e mais de um professor de Educação Física, lecionarem ao mesmo tempo, faz com que esse espaço não seja suficiente para suprir a demanda da escola e mais uma vez necessitando dividir o espaço ou utilizar adaptações em outros locais, como por exemplo o pátio.

Os docentes e coordenadoras das escolas, concordam ao dizer que os espaços disponíveis não são suficientes para atender as aulas e o número de alunos de forma eficiente. Ainda, foi possível extrair os relatos de que as escolas e o sistema educacional como um todo, esbarram na burocracia, dependendo de verbas e do governo para a realização de obras. Isso pode perdurar por anos de espera.

Neste aspecto, utilizar na TBDH nos possibilita verificar que a realidade do microssistema para mudar depende de diferentes atores, começando pelos professores e dirigentes, mas dependente da política e investimento que são definidos nos contextos de exossistema e macrossistema que os profissionais não participam, mas podem interferir através da sua prática e de sua forma de reivindicação.

Já a secretaria da educação, por meio de questionário, se pronunciou, dizendo que a Educação Física não se resume a esporte e que por isso, não necessariamente precisa ocorrer numa quadra. Mas o que defendo nesse presente estudo, é que haja um ambiente destinado diretamente para o componente curricular de Educação Física em cada escola, que dessa forma os docentes e alunos não fiquem à mercê de espaços que sobram e não atrapalham o andamento da rotina escolar. E que esse espaço, seja minimamente adequado, de tamanho próprio a comportar o número de alunos, que seja coberto o protegido das condições climáticas (sol, chuva, vento).

Garantindo assim, local seguro e digno, onde possam ser trabalhadas as diversas temáticas pertencentes a Educação Física Escolar.

Espera-se que as autoridades competentes olhem para a Educação Física como componente curricular que é, e que cumpram com o papel de garantir aos estudantes as condições necessárias para estudar aquilo que lhe é previsto por lei. Que os dirigentes continuem batalhando por melhorias e adequações das escolas, e que nós, docentes não percamos a esperança e não deixemos de lutar por melhores condições.

Mas fica um alerta aos professores as mudanças não vão ocorrer de cima para baixo. Caberá os professores através da sua prática, demonstrar aos atores que participam na escola as suas dificuldades, esclarecer pais e alunos e direção escolar que precisamos reivindicar o que está estabelecido na legislação e que as condições de infraestrutura sejam concretizadas no ambiente escolar, através de reformas ou novas construções, não necessariamente uma quadra, porém um espaço adequado a atender as demandas desse componente curricular.

Enquanto isso, os professores criativos e competentes adaptam o espaço porque reconhecem a importância da Educação Física na escola e sua contribuição para o desenvolvimento global dos escolares.

Produto educacional

A partir da problemática levantada, da observação e registro dos espaços escolares e falas dos participantes, foi elaborado um produto audiovisual. O vídeo tem por objetivo trazer o assunto à tona e principalmente ilustrar as alternativas encontradas pelos docentes, para driblar a falta de espaço adequado. O vídeo está disponível em: <https://youtu.be/FzGDVu7iqJc>

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Larissa Cella de Cavalli. A organização do espaço escolar no Brasil: uma análise histórica e social. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2016.

BARROS, R. P. et al. Determinantes do Desempenho Educacional no Brasil: Pesquisa e Planejamento Econômico, v.31, n.1, p.1-42, abril 2001.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Revista mackenzie de educação física e esporte, v. 1, n. 1, 2002.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CACIANO, Caroline; SILVA, Giuliana Arboite da. Foucault e educação: as práticas de poder e a escola atual. Revista e-Ped-FACOS/ CNECO, v. 2, n. 1, p. 224-261, 2012.

CARVALHO, João Paulo Ximenes; BARCELOS, Marciel; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio. Infraestrutura escolar e recursos materiais: desafios para a educação física contemporânea. Humanidades & Inovação, v. 7, n. 10, p. 218-237, 2020.

COLASANTI, Marina. Eu sei, mas não devia. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

CURRÍCULO PAULISTA, SEDUC/Undime SP. São Paulo: SEDUC/SP, 2019.

DAMAZIO, M.; SILVA, M. F. O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão. Pensar a Prática, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 189-196, maio/ago. 2008.

DARIDO, Suraya Cristina. Diferentes concepções sobre o papel da educação física na escola. Cadernos de Formação: Conteúdos e Didática de Educação Física, São Paulo, v.1, p.34-50,2012.

FENSTERSEIFER, Paulo E.; GONZÁLEZ, Fernando J. Educação física e cultura escolar: entre práticas inovadoras e o abandono do trabalho docente. Salão do Conhecimento, 2009.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. "Pesquisa quantitativa e qualitativa:

perspectivas para o campo da educação." Revista Mosaico 8.2 (2015): 173-182.

FERREIRA NETO, R. B. (2021). Infraestrutura escolar e Educação Física: tensões e conflitos. Estudos Em Avaliação Educacional, 31(76), 231–256. <https://doi.org/10.18222/eae.v0ix.6547>

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento das prisões. 2002.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. DP & A, 1998.

FREIRE, D.G.; VENDITTI JÚNIOR, R. PRADO Jr., M.V. Estágio curricular supervisionado, teoria bioecológica e formação profissional em Educação Física Adaptada: reflexões e perspectivas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 305p

FREIRES, A. L.; et.al. Educação física nos anos iniciais do ensino fundamental: um estudo de caso a partir das percepções de professores da Escola Vereador João Gonçalves do Município de Marizópolis, Paraíba. Research, Society and Development, v. 11, n. 4. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i4.22255>.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares. Desafios da educação física escolar: temáticas de formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

INEP, 2019. Notas Estatísticas: Censo Escolar 2018. Brasília: Inep. Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf

JÚNIOR, Rubens; SILVA, Márcio; PRADO Jr, Milton; CEZAR, Amanda;

LUARTE-ROCHA, Cristian; CAMPOS, Luis Felipe. (2019). A deficiência de ensinar: formação docente, inclusão e conflitos na atuação em educação física adaptada. Ponta Grossa, Atena, 2019. DOI 10.22533/at.ed.69919300511.

KOWALTOWSKI, Doris CCK. Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino. Oficina de textos, 2011.

LILLARD, Paula Polk. Método Montessori : uma introdução para pais e professores. [tradução Sonia Augusto]. Barueri: Manole, 2017.
MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. Metodologia Científica. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2022. 9786559770670.

MANOEL, E.J. Desenvolvimento motor: implicações para a educação física escolar I. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v.8, n. 1, p. 82-97, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2010.

MOREIRA, L. M. R. (2015). Infraestrutura física da Educação Física escolar: uma análise em escolas municipais da cidade de Ouro Preto – MG Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, MG.

NUNES, Tatiana Cortez; COUTO, Yara Aparecida. Educação física escolar e cultura corporal de movimento no processo educacional. I Seminário de Estudos em Educação Física Escolar, São Carlos, p. 1-37, 2006.

PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos et al. Vigiar e punir na escola: a microfísica do poder. 2005.

REMONTE, Jarbas Gomes. A educação física tradicional sofre, mas ainda vive. Acta Scientiarum. Education, v. 36, n. 1, p. 143-149, 2014.

SÁ, Jauri dos Santos; WERLE, Flávia Obino Corrêa. Infraestrutura escolar e espaço físico em educação: o estado da arte. Cadernos de Pesquisa, v. 47, n. 164, p. 386-413, 2017.

SANTIAGO, Maria Luci Esterves; SOUSA, Shenane Soares Alcântara. Recursos didáticos e de infraestrutura: Rflexo sobre as aulas de Educação física em escolas públicas na cidade de Miguel Alves-PI. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, v.6, p.34-44, 2018.

SEBASTIÃO, L.; FREIRE, E. A utilização de recursos materiais alternativos nas aulas de Educação Física: um estudo de caso. Pensar a Prática, Goiânia, v. 12, n. 3, p. 1-12, set./dez. 2009.

SILVA, Daniela et al. A INFRAESTRUTURA ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DO GRANDE ABC. Ponta Grossa, Atena, 2019. DOI 10.22533/at.ed.69919300521.

SILVA, Francisca Feitosa et al. Objetivos e conteúdos de ensino nas aulas de Educação Física no Ensino Médio integral. Revista Educação, v. 11, n. 1, p. 65-76, jan./jun. 2021.

SOUTO, L. C. L. et al. Limitações das aulas de Educação Física em decorrência da Infraestrutura na ótica de professores do Ensino Médio público. Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional, [S. l.], v. 2, n. 2, p. e021011, 2021. DOI: <https://doi.org/10.51281/impa.e021011>

SOUZA, D. S; SANTOS, S. C. F. dos; SOUZA, J. M. M; FERRARI, E. P. A importância da educação física no ensino fundamental anos iniciais nas escolas públicas do Distrito Federal. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal. v. 6, n. 4. 22 nov. 2019.

TEIXEIRA, Francisco Claudeci Faustino.; SOARES, Stela Lopes.; FERREIRA,

Heraldo Simões. A realidade dos professores de educação física no ensino fundamental I e II, em uma escola pública da sede do município de Massapê – CE. Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 22, n. 2, p. 572-587, maio/ago., 2018. ISSN: 1519-9029. DOI: 10.22633/rpge.v22.n2.maio/ago.2018.10543

VIANA, Valderi Nascimento et al. Quadras de esportes em condições de uso adequado no Brasil: influência no ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física (2015). Research, Society and Development, v. 9, n. 8, p. e239985704-e239985704, 2020.

VIEIRA, G. R.; et al. Estágio e a Formação Docente: a Importância do Professor de Educação Física na Educação Infantil. DOI 10.22533/at.ed.4522015054. In. SOUZA, M. V. (org) A Educação Física Como Área de Investigação Científica. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

ZILIANI, V. C.; SEBASTIÁN-HEREDERO, E. O espaço escolar e a qualidade da educação: Uma revisão pela legislação brasileira. Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 26, n. 00, e022022, jan./dez. 2022. e-ISSN:1519-9029. DOI:<https://doi.org/10.22633/rpge.v26i00.16752>

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com os Docentes

- 1 – Em que ano você se formou em Educação Física?
- 2 - Há quantos anos você leciona em escolas?
- 3 - Em quantas escolas você trabalha atualmente?
- 4 - Há quanto tempo você leciona nessa escola?
- 5 - A escola possui uma quadra ou outro espaço específico para Educação Física?
- 6 - O que você pensa desses espaços para a realização das aulas de Educação Física?
- 7 - Você acha que seriam necessárias mudanças para adequar e melhor atender as necessidades das aulas?
- 8 - Você faz adaptações das aulas, para a realidade do espaço físico? Se sim, quais?
- 9 - Como foi adaptar as diferentes temáticas para a sua realidade de infraestrutura?
- 10 - Você acredita que a infraestrutura influencia no desenvolvimento e aproveitamento dos alunos? Por quê?
- 11 - Se você pudesse planejar um espaço físico/infraestrutura para a Educação Física nessa escola, como seria?
- 12 - Como você enxerga a postura da gestão da escola, quanto à questão da infraestrutura para as aulas de Educação Física?
- 13 - E da secretaria municipal de educação?
- 14 - Existe mais algum ponto que gostaria de contribuir para a pesquisa?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com a Gestão Escolar

- 1 - Qual a sua formação?
- 2 - Há quanto tempo você está na gestão dessa unidade escolar?
- 3 - O cargo de direção é ocupado por meio de concurso?
- 4 - A escola possui uma quadra ou outro espaço específico para Educação Física?
- 5 - O que você pensa desses espaços para a realização das aulas de Educação Física?
- 6 - Você acha que seriam necessárias mudanças para adequar e melhor atender as necessidades das aulas?
- 7 - Você acredita que a infraestrutura influencia no desenvolvimento e aproveitamento dos alunos? Por quê?
- 8 - Se você pudesse planejar um espaço físico/infraestrutura para a Educação Física nessa escola, como seria?
- 9 - Como você enxerga a postura da Secretaria Municipal de Educação, em relação a falta de infraestrutura para a realização das aulas de Educação Física?
- 10 - Existe mais algum ponto que gostaria de contribuir para a pesquisa?

APÊNDICE C – Questionário aplicado a Secretaria de Educação

- 1- Qual a sua formação profissional?
- 2- Há quanto tempo você está no cargo de secretária municipal?
- 3- Sabe dizer quantas escolas municipais possuem uma quadra?
- 4- Quais são os possíveis motivos para algumas escolas não possuírem um local destinado as aulas de Educação Física?
- 5- Você acredita que a infraestrutura para a realização das aulas de Educação Física, pode influenciar no desenvolvimento e aproveitamento dos alunos?
- 6- A Secretaria Municipal de Educação, pode atuar para resolver ou amenizar possíveis problemáticas quanto a infraestrutura? Como?
- 7- Existe mais algum ponto que você gostaria de contribuir para a pesquisa?